



TORRE  
TOMBO

PT-TT-SN1

D.G.R. 11 8868

Direção Geral de Espectáculos

Censura a Peças Teatrais

Processo 8868

Responso  
Liceo oficial  
de la  
Biblioteca  
Directa

17/4  
[Signature]

CASTELAO E A SUA ÉPOCA



ESPECTACULO DE RICARD SALVAT SOBRE TEXTOS DE

Alfonso Castelao  
P<sup>o</sup> Martín Sarmiento  
Rosalia de Castro  
André Breton  
Manuel da Fonseca  
Teixeira de Pascoaes  
António Sérgio  
Manuel Maria  
Santiago Rusiñol  
Emilia Pardo-Bazán  
Alexandre Herculano  
Oliveira Martins  
Curros Henriquez  
García Lorca  
José Gomes Ferreira  
Eugénio d'Ors  
Alberto Miguez  
Rodrigues Lapa  
Jaime Cortesão  
Fr. Marcos da Portela  
Salvador Espriu  
Ramón Sender  
Almada Negreiros  
Cardeal Gonçalves Cerejeira  
M.A. Capmany  
Óscar Lopes  
António Oliveira Salazar  
Soeiro Pereira Gomes  
Mário Sacramento  
Joan Maragall  
Ramón Ferrer  
Mário Dionísio  
Xesus Alonso Montero  
Valle-Inclán  
Álvaro Felijó  
Benito Pérez Galdós

1984

----- Boa noite senhoras e senhores. Venho falar-lhes, embora vocês talvez achem que não sou a pessoa indicada, da minha terra. E dum homem ~~xxxxxxx~~ dessa terra. Um homem que, dizem, foi médico, mas que nós conhecíamos porque fazia desenhos. Até dizem que era letrado mas eu não sei muito destas coisas porque não sei ler muito bem. Só conseguia perceber as palavrinhas por baixo dos desenhos. Até hoje muitas vezes o recordei com os meus filhos e agora começo a recordá-lo com os meus netos. Vocês talvez perguntem qual é o meu ofício, mas é melhor não o fazerem porque não saberia responder. O meu verdadeiro ofício é o de emigrante. Assim o que faço depende do sítio onde estou e do trabalho que aí há. Mas normalmente acabamos sempre por fazer as mesmas coisas. Assim talvez se possa dizer que sou criado de restaurante. A minha mãe teve onze filhos. Destes onze ~~filhos~~, só um ficou em Rio Anxo. Os outros estão um pouco por todo o lado. Tenho um irmão que foi para Havana e teve lá uma casa de pasto. Outros dois estão em Buenos Aires. Um tem uma sapataria e o outro aprendeu o ofício de alfaiate. Outro, o anterior a mim, não quis correr mundo. Foi parar a Barcelona. Aí aprendeu o ofício de ourives. Dos outros não posso falar porque nasceram depois de mim e já pouco os vi, mas também estão por toda a parte. Já o meu pai tinha estado em Lisboa, a vender água. Eu não me fixe em nenhum sítio. Andei sempre de um lado para o outro. Algumas vezes trabalhei com os meus irmãos e uma vez estive mesmo ~~para~~ para ir a S. Francisco ver um irmão mais pequeno que ainda não conheço. Mas em Havana foi onde estive mais tempo. Voltei como tinha ido. Foi lá em Havana que o Xesus me deu uma estatuinha desse senhor Castelaço. Era como um

~~XXXXXX~~

9

Santo com a diferença de ser curvado. E tinha uma capa negra.  
E foi assim que eu soube como era o senhor que fazia os desenhos.  
Quando uma vez voltei à Galiza a ver os meus filhos trouxe a  
estatuinha mas disseram-me que não se podia tê-la em casa e  
que se devia esconder. Mas se ele era um homem tão bom... Vocês  
percebem isto?

Dama I -- Claro, que este teatro nao é tão importante como o ~~Teatro~~ x Teatro Real de Madrid. Mas para a nossa Corunha acho que está bastante bem.

Dama II-- Naturalmente não é nem o real nem o grande Teatro do Liccu de Barcelona. Mas a "Tosca" de hoje foi impecavel.

Dama III- Ela cantou como os anjos. Foi uma autentica maravilha. Eu quase ia chorando.

Dama I -- Não há nada como a ópera. É a coisa mais elegante que existe.

Dama II-- E o melhor da ópera é que se pode falar, enquanto se canta, dava gosto ver.

Dama III- E hoje estava toda a "gente de bem" da Corunha. É na verdade um espectáculo só para os elegantes.

BurguêsI- Não é como essas "Zarzuellas", género saloio, como as revistas, que servem apenas para o povo, os trabalhadores.

Dama II- São espectáculos tão grosseiros e imorais, que são apenas para os homens ou para aqueles que ficam lá fora do teatro a ver como nós as elegantes vamos vestidas, á saída.

Dama III- O meu marido levou-me uma vez a uma dessas revistas e... no outro dia não tive outro remédio senão ir-me confessar. Não podia estar mais tempo com tantos pecados na alma.

( O dialogo passa para um grupo de gentes simples)

Balbino-- Eh! Pá! Que mulheres bestiaís. Nunca tal tinha visto na minha vida, com estes fatos... Pôôôôça.

HomemII - Olha o casaco daquela. Imagina a minha santa vestida com estes fatos!...

Balbino-- Um dia destes quando for á despedida do meu irmão e voltar aqui á Corunha, irei ver um teatro.

Hoem II- Mas não destes aqui só se canta e nada mais. Um daqueles onde se possam ver umas boas pernas e mulheres bonitas. Esses sim. A um desses teatros é que vale a pena ir. Quando cá vier uma revista eu digo-te para tu vires

Balbino-- Mas a minha Patroa não pode saber isto. Senão diz logo que eu gasto o dinheiro todo na pandega.

HomemI -- Nem a minha. A gente arranja uma desculpa qualquer e vamos lá.

Balbino - Assim vou. O meu irmão que está na Argentina quando me escreve está-me sempre a falar das mulheres que vê nas revistas. Aquilo é cada uma...  
E o que está em Cuba fala das mulatas com as pernas todas á vela, a tonde-rem-se todas até fazem perder a cabeça á gente.

Hoem I - Fica assente. Quando aqui vier uma revista eu escrevo-te e tu vens, Quando é que o teu outro irmão se vai embora para as Américas?

Balbino - O Antoninho que tens apenas dez anos já falou nisso. Assim tenho que ir ir acompanhar.

HomemI -- Quantos já se foram para as Américas.

5

Balbino -- Já quase perdi a conta. Já lá vão uns oito. Se o Antôninho se vai também, fico apenas eu.

Homem I-- E tu não te vais embora?

Balbino -- Eu não! Eu, bem vêes, tenho que tomar conta destas terras que a gente cá tem.

~~----- Porque será que a nossa gente se vai para as Américas?~~ X

~~----- São levados pelo espírito de aventureiro?~~

~~----- Irão os Galegos empurrados pela fome?~~ X

Burguês I -- Os galegos vão-se porque arranjaram filhos demais. Não é que sejam pobres. É que fazem muitos filhos. X

Burguês II - Nada disso. É mas é o nosso sempre o nosso espírito de aventureiros. Sempre cavamos com esta enxada.

Burguês III - Já se diz que um dos nossos antepassados teve relações com uma se-  
reia.....

Burguês II - Não digas tolices! Emigrar é uma necessidade nossa. É o nosso fado. O nosso destino. Todos os poetas o cantaram já desde Rosália de Castro até hoje.

Burguês I -- Então porque se emigra? Porquê? Porquê? Pode você explicar-me?

----- Porquê?

----- Porque se emigra?

----- Porquê?

----- Porquê?.....

(Conversa entre Balbino e o seu amigo "Homem I" uns 35 anos depois)

Balbino -- Finalmente... Depois de tanto ter esperado vou ver uma revista com mi-  
lheres. Agora! Que já começo a ter idade para isso. Agora que já estou tão  
velho nem isto me vai saber a nada.

Homem I-- Foi pouca sorte. Quanto te viste despedir do teu irmão Antoninho não  
estava cá nenhuma revista!!!! Mas olha lá! É a primeira vez que vais  
a um teatro?

Balbino -- Claro que é! Só quando fui a Madrid, ver o meu irmão Marcos ele levou-  
-me a um Café Concerto mas acho que isso não é um teatro. Mas havia  
uma rapariga vestida de vermelho com um vestido brilhante, que me  
deixou pelo beijo. Até me fez umas festinhas com a mão enquanto cantava!

Homem I -- Às vezes as artistas até quando cantam vêm passear para o meio das  
pessoas e até se sentam em cima das pernas dos gajos que têm dinheiro e  
que podem ir sentar-se lá para junto do palco. Claro -- nós temos que  
nos contentar com o galinheiro. A massa não dá para mais.

Balbino -- E elas dançarão o tango?

Homem I -- Claro que sim. A revista até se chama "Tango do Pecado".

Balbino -- Que bom! Os meus irmãos estão-me sempre a fallar dos tangos da Argentina. Sempre gostava de ver como é.

Homem I -- Vamos depressa! Temos que arranjar um lugar na primeira fila do galinheiro.

- 1836

- Nasce Alfonso Castelao.

NEGRA SOMBRA

(Rosália de Castro)

Quando penso que te vais  
negra sombra que me assombra,  
ao pé da minha almofada  
voltas de novo troçando.

Quando penso que te foste  
no mesmo sol te mostras,  
e és a estrela que brilha,  
e és vento que sopra.

Se cantam, és tu quem canta,  
se choram, és tu quem chora,  
és o murmúrio do rio,  
e és noite, e és aurora.

Em tudo estás, tudo és,  
para mim e em mim mesma moras,  
nem nunca me deixarás,  
sombra que sempre me assombra.

Vinha pela areia da praia  
eu vi-a passar;  
na frente uma estrela,  
na boca um cantar.  
Vinha tão só  
na noite sem fim,  
que até rezei pela pobre louca,  
eu que não tenho quem reze por mim!  
Musa do povo, das gentes  
que eu vi passar  
como esta dos lobos  
como esta morreu.  
São dela os ossos  
que ides guardar.  
Ai! do que tem na frente uma estrela!  
Ai do que tem na frente uma estrela!  
Ai do que tem na boca um cantar!

(11105

## CANÇÃO DE EMBALAR PARA ROSALIA CASTRO ;MORTA

Levanta-te, minha amiga  
que os galos do dia já cantam!  
Levanta-te, minha amada,  
que o vento muge, como uma vaca!

Os arados vão e vêm  
de Santiago a Belém.

De Santiago a Belém  
um anjo num barco vem.  
Um barco de fina prata  
que traz a dor da Galiza.

Galiza deitada e queda  
transida de triste ervas.  
Ervas que cobrem teu leite,  
e a negra fonte dos teus cabelos.  
cabelos que vão para o mar  
onde as núbens tem seu nídeo pombal.

Levanta-te minha amiga  
que os galos do dia já cantam!  
Levanta-te, minha amada,  
que o vento muge, como uma vaca

Frederico Garcia Lorca

Lorca

Hist.-Pela primeira vez a gente de Barcelona pôde elevar-se e ter a seus pés a cidade.

- É um prazer do qual nenhum cidadão se quer privar.

- As pessoas precipitaram-se para lá, desejosas de contemplar o magnífico espetáculo

Anedota-Dirige a ascensão o francês Monsieur Goldar

Rotschild-Sempre tão parisienses, Nós sempre tão parisienses!!

Hist.-Os mais arriscados e valentes sobem para dentro do cesto. Um testemunha presencial de dentro do cesto.

T. Presenc. A cidade produz de estas alturas a sensação dum campo imenso. As ruas lembram os sulcos produzidos por um grande arado. E os sinos? Não pode imaginar, senhor, e que é poder ouvir o toque dos sinos de Santa Maria do Mar a 300 metros de altura. Aquele bacalhoeiro e a Tomasa!... E como o ressear chega até nós! É preciso ver e admirar desde o próprio cesto o recinto da Exposição com a sua grande ponte de S. Carlos. No porto e mais além do porte, poderão ver se finalmente decidem subir as esquadras de numerosas nações que muito frequentemente disparam salvas de tiros aquando da entrada e saída dos barcos de guerra.

Hist. - 1888- Nascem: Maria Andreu, Giorgio de Chirico, Josep Mompou, Tomàs Stearns Elliot, Eugène O'Neill, Margarida Xirgu, Giuseppe Ungaretti, Benjamin Jarmés, George Bernanos, Esteve Nonagal, Maxwell Anderson, Francesco de Paula Nebot.

- Morrem: Eugene Labiche, Guillemler e Rafael Calvo.

- Publicam: Verlaine- Sagesse; Ruben Daric- Azul; Dario de Regojos - Espanha Negra.

- Funda-se - "Terra e Liberdade"- orgão de movimento ~~anarco-sindicalista~~ e "O Diário" de Girona.

- Estreiam: Gudnerá- Mar e Céu; Ibsen- A Dama do Mar.

Anedota- Sabem? Não sabem? A Academia de Língua Espanhola outorgou o seu prémio anual a Frederico Solar pela obra "Batalha de Reinas". O prémio é de 5.000 pesetas.

Hist. - Música: Rimsky Kersakoff: Sherazade; Richard Strauss: Don Juan; Tchaikowsky: 5ª Sinfonia.

- Progresso: O primeiro motor de explosão funciona a gasolina.

- Revantamento dos mineiros de Rio Tinto: morrem 20 homens e 150 ficam feridos.

- 1º Congresso Socialista em Barcelona.

- 1º Congresso da União Geral dos Trabalhadores.

- Proclamação de Guilherme II como Kaiser da Alemanha.

- Abolição da escravatura no Brasil.

- Principio da Aliança Franco-Russa.

- Barcelona conta 350.000 habitantes incluindo os habitantes municipais de Gràcia, S. Gervásio, As Corts, Santo André, Sària e S. Martí.

- D. Benito Perez Galdos escreve "O ano de 1888 acaba com perspectivas muito más no que respeita ao estado da Europa, melhor dizendo, quase com a certeza de que o

Adriano G. L. ...  
17-13-1920

conflito entre as grandes potências estalará de um momento para o outro e de que presenciaremos em breve a guerra mais formidável de século. Todos os países da Europa correm o risco de serem arrastados à contenda com excepção dos países escandinavos e da parte ocidental da Península; Suécia e Noruega, Espanha e Portugal. Os outros por mais pequenos que sejam, não poderão eximir-se já pela sua proximidade nem o teatro da guerra, já porque os seus interesses territoriais sejam pestes em causa."

Anedota- Uma guerra europeia? Foge, homem; Foge. A guerra não convém a ninguém. Acabam de Proclamar Guilherme II Kaiser da Alemanha. E os alemães, como sempre desejam a ~~guerra~~ Paz, é coisa sabida.

- Hist. - 1893 - Pauli Pallás atenta contra o general Martinez Campos durante as festas da Mercedes.
- Os atentados anarquistas inauguram em Barcelona uma época terrorista de grande duração para desencorajamento de todos.
- Piora de dia para dia o estado público de alarme e prepaga-se exageradamente por todo o mundo a má fama da perigosa cidade.
- Guerra em Malilla.
- 18 de Outubro de 1893. Embarcam em direcção a Malilla no navio Rabat a terceira bateria de artilharia de montanha composta por 110 homens 50 mulas e cavalos, 220 fardados de Mahón e mais 7 de Barcelona, 20 canhões de aço de 8 centímetros sistema "Pascência". As tropas, antes de embarcar, vão ouvir missa a Santa Maria del Mar. No dia seguinte embarca no vapor "Cámara" a quarta bateria de montada.

1900- Janeiro- Promulgação da "Lei sobre acidentes de trabalho".

Março- "Lei de protecção à mulher e criança" que trabalham"

Outubro- Congresso em Madrid, onde se reorganiza a Federação dos Trabalhadores da Região Espanhola, segundo o espirito da Organização Anarquista criada em 1888.

- Debate nas Cortes, sobre a Questão Catalã.
- Festa do trabalho.
- Meeting operário.
- Hoje, esta noite, o senhor Date assistiu à ópera e apuraram-se.
- Carga da policia.

Retschild- Nascem: Luis Buñuel, Kurt Weil, José Gaez, Antoine de Saint-Exupéry, Redelfe ~~Haffter~~ Haffter, Julien Green e Guilherme de la Torre.

Merrem- Frederich Nietzsche, Eça de Queirós e Lagardije.

Publicam- Pio Baroja- "Vidas Sombrias" e "A Casa de Alagon"; Blasco Ibañez "Entre as Laranças"; Tolstoi- "Ressurreição"; Juan Ramón Jiménez "Alma de Violeta"; Edmund Husserl- "Investigações Lógicas"; Freud "In-

46

interpretação dos Sonhos".

- Estreiam- Frederice Selar-"O Conde Arnau"; Echegaray "O Deus Louco";
- O alemão Quintero "O Pátio"; Rostand "L'AIGLON"; Charpentier "Luísa".
- Primeira exposição em Paris de Picasso, Dufy e Braque.
- Gaudi, constrói o labirinto do parque Güel e a residência "Bell Esgr guard" de Sant. Gervásio.
- O conde Zeppelin inventa o dirigível rígido ~~xxxxxxxxxxxx~~ (Balão).
- Redescoberta das teorias de Mendel.
- Grande crise industrial da Catalunha. Criação de "Museu episcopal" de Vic.
- Funda-se o jornal Juventude dirigido por Luis Vic e Alexandre de Rigues.
- Em França jornada de 10 horas para mulheres e crianças.
- Em Paris a Exposição Universal e o Quinto Congresso da Segunda Internacional.

1904 -

69

- Nascem - Salvador Dalí, Luis Cernuda, Nicélas Guillen, Aleje Carpentier, Graham Green e R. Oppenheimer.
- Morrem-Inten Tchekov, e Isabel II.
- 1º número de A.B.C. em Madrid.
- Frederic Mistral e José Echegaray ganham o prémio Nobel.
- Estreiam- Guímera- "O caminho de sel"; Perez Galdós "O avô"; J.M. Synge "Genets cap el mar"; J.M. Barrie "Peter Pan"; Amichos "O pobre Valbuena"; Puccini "Madame Butterfly"; D'Annunzio "A filha de Jerão".
- Miguel Utrille cusa dizer que a forma é o valor essencial da arte.
- Em Barcelona cada dia há mais greves
- SETEMBRO- Entra em vigor a "Lei de descanso Dominical".
- Joaquim Miguel Artal apunhala Antóni Maura em Barcelona, gritando viva a anarquia.
- É verdade, sim senhor ; Barcelona vai ser chamada a "cidade das bombas" mas nem tudo eram tragédias . As medas seguem o seu curso,

Rets.

M

- 1896

- Emigro com minha mãe para a Argentina onde meu pai está estabelecido; a revista "Caras e Caretas", dirigida pelo desenhador galego Xosé Cao, desperta-me o gosto pelo desenho.

AV

Para analisar com profundidade a dimensão familiar do campesinato galego, convém que enunciemos as suas características principais:

1 - Dispersão - as casas dos camponeses encontram-se dispersas sem nunca formarem uma povoação disposta em volta da casa do Maioral ou da igreja, como sucede em outras regiões. Daí um certo individualismo, que se manifesta na própria construção das casas populares. A dispersão da organização familiar é devida não só a factores geográficos, mas também a factores económicos, pois a família fragmenta-se logo que os filhos atingem a adolescência. A emigração para os homens, e o serviço da terra e do místico para as mulheres, actuam também como elementos dispersadores. Na Galiza, há casos em que irmãos se deixam de ver logo após a adolescência, vivendo separados por milhares de quilómetros. Um em Buenos Aires, outro nos E.U., um terceiro na Alemanha e outro cuidando das terras na aldeia.

2 - Matriarcado, diferente do dos povos primitivos - o matriarcado da organização familiar galega tem uma explicação simples: a emigração.

Primeiro emigra o homem e só depois de este ter conseguido uma situação estável é que manda chamar a mulher. Mas geralmente as condições acabam por ser adversas e a mulher vai ficando na terra natal. Daí encontramos tantas "viúvas-de-vivos". Na ausência do homem, a mulher tem de educar os filhos, cuidar das terras, solucionar os problemas administrativos, pagar os impostos, vender as colheitas, enfim, substituir o homem em todas as funções que geralmente lhe pertencem. É uma trabalhadora incansável e sofredora.

3 - A sua organização, isto é, a sua capacidade existencial para se desenvolverem sem um excessivo esforço societário ou cooperativo - o camponês galego vivia até há muito pouco tempo em regime de economia fechada. A terra dava-lhe tudo o que necessitava - o pão, as batatas, o centeio, algum trigo e vinho. O vestuário ou era confeccionado em casa ou adquirido por troca directa nas feiras. Não havia e não há propriamente condições rodoviárias. A maioria das casas não tem água nem o mínimo de condições higiénicas elementares. O camponês levanta-se e deita-se com o sol, pois não tem electricidade. As romarias e as festas são um misto de paganismo e de cristianismo primitivo. O clero galego queixa-se de que o homem se interessa pouco pelos actos religiosos. Existe uma tensão entre o padre e o camponês que tem justificação histórica. O clero galego foi, por razões históricas, um poder omnipotente. A burguesia acabou por furtá-lo. Mas o camponês considera que o padre faz ainda parte do aparelho burocrático da opressão. Por outro lado, o padre galego exprime-se sempre em galego, excepto quando diz missa, pois di-la em castelhano. Para o camponês isto é mais um elemento de desconfiança.

Concentrada na casa rural, com certo matiz matriarcal, autossuficiente e habitando em condições pouco idóneas, desenvolvendo a sua vida dentro de um sistema de produção quase feudal, a família camponesa da Galiza constitui a célula primária de convivência, e muitas vezes, se exceptuarmos a paróquia, é o centro de relações mais potente. É dentro da família que se desenvolve a existência campesina e é a partir dela que se explica a sua resistência face ao mundo difícil, assimilador e por vezes destruidor; o mundo da era tecnológica ou industrial que, pouco a pouco, mina as bases deste mundo subdesenvolvido.

Quando no silêncio das noites de luar  
via uma estrela pelo céu correr  
dizia minha mãe de mãos erguidas:  
Deus te guie por bem!

Desde então, quando vejo que um galego  
deixa a terra onde infeliz nasceu,  
e fortuna procura noutras praias, digo:  
que te guie Deus! também.

Não o culpo, coitado, não o acuso  
nem lhe rogo pragas nem castigos  
nem de que é dono de escolher me esqueço  
o que lhe convier.

Porque quem deixa o seu torrão natal  
e fora dos seus sítios põe os pés,  
quando troca o certo pelo incerto  
motivos há-dê ter!

Perguntai-lhe e ele vos dirá que  
o milheiral sem água, o lume sem carvão,  
o prado sem erva e sem trabalho o homem  
não se pode manter.

Dir-vos-á que é pouco quanto ganha  
prós cofres do senhor e prós do rei,  
faz um mês que não comem comida quente,  
os filhos e a mulher!

Dizem que como o minho, o nosso povo  
na terra onde nasce quer morrer;  
mas o sono do rio é sossegado  
e o deste não o é.

O rio tem um leito  
perfumado de rosas e de cravos  
também tinha outro o povo; mas... venderam-lho  
e agora não o tem.

A civilização e as andorinhas  
de umas terras para outras vão e vem a esmo  
querer que não emigrem é matá-las  
vai tudo dar ao mesmo.

*Talvez a fazer*

*3/*

*Curios (Pices do rio...  
(1012)*

Enigram, já porque são muitos os que vivem no país, já porque a maioria não tem terras próprias, já porque os que cultivam não podem tirar delas o suficiente para subsistir.

Padre Martín Sarmiento

CAMPONES -- Esta terra pesa!

MULHER -- É natural que a terra pese.

CAMP.-- Depende. A quem não a sente a terra não pesa. A mim esta terra pesa-me porque é minha. Porque a levo comigo para onde vou. Porque ~~a terra minha para mim vem~~ eu próprio lhe pertence. Eu sou terra minha amiga. E sinto-me na terra, no sulco acabado de arar na leira gradada de fresco. Subjugar esta terra é subjugar-me a mim.

MUL.-- Está bem.

CAMP.-- Está bem! Claro que está bem!

MUL.-- Eu queria dizer que a terra está bem como está. Mas a terra é escravidão.

CAMP. -- No mundo, na vida, tudo é escravidão. Olha os namorados. Olha este. Olha aquele. Olha-te a ti mesma. Todos são escravos de ~~alguma~~ alguma coisa ou de alguém. Eu sou escravo da terra; a melhor das escravitudes.

MUL.-- Os namorados não são escravos.

CAMP.-- Então o que são?

MUL.-- Servidores.

CAMP.-- É o mesmo.

MUL.-- Não é o mesmo. A estrela sempre alumia.

CAMP.-- E quando a estrela não alumia há que fechar os olhos. E quando alumia há que fechá-los também.

MUL.-- Todos vivemos com os olhos fechados.

CAMP.-- Todos não: eu sei o que quero.

MUL.-- E o que queres?

CAMP. -- Quero ser uma singularidade.

MUL.-- Pois já o és.

CAMP.-- Ainda não. Eu quero ser.eu.

MUL.-- Pois já o és.

CAMP.-- Ainda não Eu quero ser eu a meu jeito. Isto é: eu com a minha terra. A minha terra e eu. Depois tu. E depois as estrelas. E depois a noite.

MUL.- E o homem? E o homem?

CAMP.-- O homem depois. Ou antes. O homem vem sempre no fim, compreendes?

MUL.-- Não.

CAMP.-- Pois tens que compreender. Não és a minha mulher?

MUL.-- Sou a tua mulher. Só a tua mulher. E isso dói-me.

CAMP.--- E que querias tu?

MUL.-- Não sei se me explicarei bem: queria ser também a tua terra.

Essa terra que está metida em ti como uma maldição. Falas-me sempre da terra. Sempre a mesma conversa. Sempre a mesma terra..

Deus! Deus!

TERRA.-- Cala! Que sabes tu de Deus?

CAMP.-- Eu conheço-te.

TER.-- Isso julgas tu. Trespasas-me todos os dias, sujás-me as entranhas, subjugas-me. Tens o coração cheio de fel. Não anseias senão pelos frutos que dou. És um homem cheio de terra cativa.

MUL.-- As tuas palavras arrepiam. Quem és?

TER.-- Uma realidade quase eterna. Sou a terra.

CAMP.-- A terra! Não é possível! A terra não fala!

TER.---- Pois sou eu: a Terra, tua dona.

CAMP.-- Eu não tenho donos!

TER.-- Eu sou a tua dona!

CAMP.-- És a minha escrava!

TER.-- Isso julgas tu! Coitadinho! Eu, a Terra, tua escrava?

CAMP.-- Com o meu esforço a terra dá-me tudo quanto quero.

TER.-- O teu esforço pouco vale. Tudo o que ~~quero~~ te dou é porque quero.  
E ainda te darei mais se...

CAMP.-- E que me darás?

TER.-- Tudo o que quiseres. Mas tens de dar-me algo em troca.

CAMP.-- Que tenho que fazer?

TER.-- É muito simples: dá-me de beber.

CAMP.-- E como?

TER.-- Matando o pastor. O sangue do pastor mata a minha sede e faz-me frutificar porque é sangue inocente. Eu sou fértil graças ao sangue inocente. do primeiro pastor do mundo: Abel. Ainda estremeço de prazer quando me lembro do sangue de Abel. Dás-me de beber?

CAMP.-- Darei.

TER.-- E não terás medo?

CAMP.-- Não.

-----  
CAMP.-- Onde deixaste o gado?

P.-- Nas regas!

C.-- Vou-te matar!

M.-- Não! Não!

(O camponês quer matar o pastor mas este espata-lhe a navalha no peito. O camponês cai morto.)

P.-- Caim! Caim! Por tua culpa perdi-me! Caim! Por tua culpa! Caim! Caim!

Adeus rios, adeus fontes  
adeus regatos pequenos,  
adeus vista dos meus olhos,  
não sei quando nos veremos.

Minha terra, minha terra,  
terra onde eu me criei,  
courela a que quero tanto  
figueiras que plantei.

Prados rios arvoredos,  
pinhais movidos pelo vento  
passarinhos cantadores casita do meu contento

Amoras destes silvados  
que eu dava ao meu amor  
caminhos por entre o milho  
adeus para sempre adeus.

Adeus glória, adeus contento  
deixo a casa onde nasci  
deixo a aldeia que conheço  
por um mundo que nunca vi

Troco amigos por estranhos      deixo amigos  
troco a veiga pelo mar      deixo a veiga  
deixo, enfim, meu canto querido  
pudera não te deixar!...

Adeus também, minha querida  
adeus para sempre quem sabe...  
digo-te este adeus chorando  
desde a beirinha do mar.

Não me esqueças, meu amor  
que eu morro de saudade  
tantas léguas pelo mar dentro...  
minha casinha meu lar!

Rosalia

Falemos de emigração já que me sinto emigrante.

Há uma força que nos empurra para o mundo, e outra que nos prende à terra natal, pois, se as estradas nos tentam, é porque deixamos uma luz acesa sobre a casa onde nascemos, que ali nos aguarda o fim da vida. Andar, andar, andar, e, no fim do trabalho, devolverá terra o corpo que ela nos emprestou.

Quais são as necessidades de emigrar?

Quais são as necessidades que, na Galiza, devemos suprimir?

Seria suficiente comer bem e dormir sem pesadelos para suster o nosso desejo de ver o mundo?

Colo (505 libro II)

cap XX

14  
De Lisboa vêm cartas  
contente com elas estou  
e mais contente ficara  
se visse quem m'as mandou

16  
Partes para Cuba, meu bem  
que Deus te dê saudinha  
mas quando vieres de volta  
já eu estarei casadinha

17  
Meu namorado foi longe  
pra ganhar pró casamento  
esteja morto ou trabalhando  
ficou no meu pensamento

19  
Minha terra minha terra  
minha terra e eu aqui  
amor do céu levai-me  
para a terra onde nasci

23  
O meu homem veio das Índias  
e trouxe-me uma navalha  
com um letreiro que diz:  
"se quiseres comer, trabalha".

27  
Se o mar tivesse varandas  
ia-te ver a Lisboa  
mas o mar não tem varandas  
quem não tem asas não voa

28  
Tenho que ir para Havana  
com intenções de volver  
mas se te encontro casada  
o sangue te hei-de beber.

32  
Virgem do Carmo querida  
amparo dos marinheiros  
ampara-me a mim que vou  
para reinos estrangeiros.

36  
Casa-te Antônio em Castela  
e verás que vida tens!  
necessidade de noite  
e fome pela manhã.

38  
Castelhanos de Castela  
vós haveis de rabiari:  
-os galegos fazem filhos  
vós haveis de lhos criar

49  
Maria, se fores prá ceifa  
escreve-me pelo caminho  
se não encontrares papel  
nas asas dum passarinho

73  
As igrejas são conventos  
e os padres comerciantes  
e ao toque (repicar) dos sinos  
correm os ignorantes

76  
Preguiçosos do convento  
aprendei a trabalhar  
que o pão do kiricleison  
não há-de sempre durar.

104  
Agora vou pra soldado  
maldita seja esta lei  
o melhor da mocidade  
vai-se-me servindo o rei

113  
Minha mãe minha mãezinha  
que desgostos eu te dei  
agora que te ajudava  
chama-me a servir o rei

120  
Pássaro que deixa o ninho  
navio que vai para o mar  
soldado que vai prá guerra  
Deus sabe se irão voltar

181  
O pão de trigo sabe bem  
e têm sorte os que o comem  
não é pra todos os dias  
assim no diz o meu homem

183  
O que não tem bois nem carros  
nem arado nem mulher  
não come quando tem fome  
nem vai lavar quando quer

232  
Não o quero marinheiro  
nem tão pouco pescador  
que tem o mar como cama  
e o céu por cobertor

348

Minha mãe queria casar-me  
minha mãe não tenho roupa  
-casa,minha filha,casa  
que uma perna tapa a outra.

Chegámos ao século XX. O ~~ma~~ minifundismo, o desemprego, as crises alimenticias, as crises da pesca, os impostos e o serviço militar continuam a ser os factores fundamentais que impulsionam o imigrante. Ainda que não se queira cair no pretensiosismo dos dados nem sempre comprováveis, creio necessário apresentar aqui os números totais de emigrantes desde 1900 a 1960

	Anos	Número de emigrantes
1ª voz---	1900-1910	445.000
2ª " ---	1911-1920	400.503
3ª y ----	1921-1930	332.673
4ª " ----	1931-1935	47.750
5ª " --	1936-1950	79.383
6ª " --	1951-1959	228.058

Apercebe-se fácilmente um decréscimo do êxodo (na sua maioria "americano") nos anos de 1931 a 1950. De 1931 a 1935 a emigração deoressceu considerávelmente por razões de ordem política. Galiza encontrou naqueles anos um campo aberto para seu desenvolvimento pleno. A guerra civil corta pela raiz este desenvolvimento e também o êxodo consequente

Diz-se que uma tribo de alma caminheira enfiou pelo trilho do sol, e à força de andar chegou ao cabo do mundo, ao nosso Finisterra, aonde se quedou atarantada perante a imensidade e o infinito. E assim a alma caminheira duma tribo oriental enraizou os seus anseios de conhecimento na pedra ignia do nosso chão e formou o primeiro agasalho da nossa nação. Diz-se que outras tribos de alma caminheira foram chegando, pelo mesmo caminho ao nosso Finisterra e ali deixaram os seus anseios, contemplando o sol a mergulhar nas águas do mar. Todos seguiam o trilho do sol (o mesmo caminho que depois seguiram as civilizações). Diz-se que a nossa terra foi invadida por homens robustos, que trabalhavam os metais e se consideravam filhos do deus da morte, em honra do qual contavam o tempo pelas noites, e que esta tribo dominou "o mar tenebroso" e chegou à Irlanda para aí criar um novo impossível: o do retorno às origens. E assim o Pai Sol, que diariamente percorria a abóbada do céu, levado em triunfo pelos cavalos astrais, voltava morto todas as noites ao berço das origens, para depois volver em chamas cada manhã, e começar de novo a sua trajectória triunfante, semeando a vida no mundo.

Cesário (Chapman)

La Libreria (1911)

Adeus, adeus, minha querida,  
vou partir, vou embarcar  
roga a Deus pela minha vida  
que para ti vou ganhar.

Na América um galego  
é como uma folha no ar  
tem que andar daqui para ali  
fazendo o que outro mandar.

Vou andando pelo mundo  
sou galego e talvez não.  
sei onde tenho a casita  
mas a sepultura não.

Para as Índias vão os homens  
vão às Índias para ganhar  
as Índias aqui as têm  
se quiserem trabalhar.

~~Vamos indo, vamos indo  
para o serviço do rei  
os ricos ficam em casa  
mas, eu, que sou pobre, irei.~~

~~Se a morte fosse interessera  
ai do pobre o que seria?  
O rico comprava a morte  
só o pobre é que morria.~~

(Canta-se sobre X.A.P. - Cantigas populares)

A outras latitudes chegou a lenda da nossa cobiça. Será p porque os nossos desempregados saem pelo mundo fora, à procu ra de ocupação remunerada e mandam o que ganham à família que deixaram na Galiza? Será porque os nossos aldeãos amam apaixonadamente a sua terra, as suas vacas e bois? Se as ra zões são essas a lenda carece de fundamentos, porque é melhor ser escravo da terra do que ser escravo do detentor da terra. Porque é preferível emigrar para ganhar a vida do que morrer de fome no torrão natal; porque as vacas e os bois merecem mais amor que os touros bravos.

(Catalão (ou galego))

Este parte, aquele parte  
e todos, todos se vão  
Galiza ficas sem homens  
que possam cortar teu pão.  
Tens em troca, órfãos e órfãs  
tens campos de solidão  
tens mães que não têm filhos  
filhos que não têm pais.  
Corações que tens e partem  
longas ausências mortais  
viúvas de vivos mortos  
que ninguém consolará.

Começa no céu a eterna desventura  
da luz que renasce...Pela terra,dormente,  
o grito lancinante da sereia impura  
chama para o trabalho a pobre gente.  
Tu não tens o canto da sereia antiga  
que dantes cantava;embora parecida,  
quando com a tua voz de imperiosa amiga  
atrai até ti,a gente traída.  
E,os que querem fugir ao teu império,  
vagueiam pela cidade desesperados:  
vão pelos bairros ricos,sonhando mistério  
arrastando a fome de mil pés cansados.  
Seus fatos de ganga turvam a cidade,  
numa mancha parda que alastra avenidas;  
já nem reconhecem os seus próprios filhos  
que olham pasmados,hirtos,os sem-vidas.  
Na nova manhã,tu,voltas perversa  
mas sem resultado:a turba dispersa  
muda de silêncio escuro e interdito.  
Calas-te por fim,não voltas a chamar:  
e nas casas dos pobres vai morar  
uma espécie de paz,feita de treva.  
Atônita a criança olha o pai,sentado  
em casa a horas desacostumadas  
como se houvesse festa nesse dia,  
como se todo o ano fosse uma sequência  
de domingos despídos de alegria.

A implantação do naturalismo no teatro é mais difícil do que no romance ou na poesia.

A arte cênica pela sua natureza especial, carece de uma certa ilusão, como que semelhante à de uma miragem. A emoção é sempre mais poderosa e intensa, se a acção dramática, que se desenrola diante do espírito, não fica circunscrita ao campo da imaginação e da subjectividade. O teatro é mais impressionador com a representação material das imagens que evoca, do que o romance que só pelo esforço da imaginação dá vida e relevo à realidade evocada. Por isso a evolução naturalista penetra mais facilmente nos fenómenos puramente mentais.

Na obra dos inovadores de 1830, embora a verdade natural continuasse a ser sacrificada pela preocupação de abrir campo ao génio criador mediante a liberdade do pensamento, havia uma seiva potente de inspiração.

Mas esta pujança esgotou-se e veio a cair na banalidade fastidiosa e no melodrama ridículo, até que no teatro moderno se ~~vai~~ acentuou um movimento de revivescência no sentido de aproximar o teatro de uma observação mais fiel da vida contemporânea.

Observa-se um recente movimento reformador ~~na~~ que vai preparar os espíritos para a compreensão do ideal moderno no teatro que, nesta luta da tradição e das convenções com o espírito novo, combate com os heróis da antiguidade.

Esta influência avassaladora da evolução naturalista sente-se e apalpa-se em múltiplas formas, nesta verdade cada vez mais exacta das decorações, da mobília, dos trajes e da declamação.

A evolução que já impera no romance, vai acentuando a sua marcha triunfante no teatro. A fórmula naturalista, no rigor com que se ajusta ao romance, tem de sofrer as modificações que são impostas pela natureza especial do teatro. Assim o descritivo indispensável no romance não tem cabimento no teatro. Falta na cena este poderoso elemento para se aprofundar o estudo dos temperamentos, a análise psicológica dos caracteres. O descritivo supera-se pelo cenário, pelo vestuário, pela caracterização e nestes meios há-de existir sempre um fundo inalienável de ficção. A vida real, transportada para a cena, precisa do mesmo relevo e do mesmo destaque que o pintor imprime à imagem para ressaltar viva da tela. Esta faculdade correlaciona-se com o dom da interpretação sem a qual não há obra de arte.

O movimento naturalista no teatro, como muito bem observa Zola, começou pelo cenário pelas decorações e pelos acessórios - aí a transformação é

completa.

O Romance é a chave que há-de abrir as portas do teatro ao naturalismo: quando o público não ler senão romances verdadeiros exigirá na cena também a verdade; não poderá tolerar no teatro senão o que for verdadeiramente humano.

A transformação já começou pela declamação, pelo vestuário e pelas decorações. O naturalismo porém, no teatro, não chega ao ponto de reclamar a camisa, como para o romance não se reclamam todas as verdades.

Estamos muito longe da simplicidade dos tempos homéricos para se compreender que não é lícito aos heróis modernos apresentarem-se às gentis princesas como surge o divino Ulisses depois do naufrágio, diante de Nausica.

Evidentemente que houve um progresso: o dramalhão empolado e declamador está proscrito- acentua-se um movimento salutar no sentido de análise exacta da sociedade contemporânea. Zola que tanto ampliou a fórmula realista, criada por Balzac no romance, não pôde vingar as suas tentativas no teatro.

Na "Teresa Raquin" deu preferência ao terrível que não é o mais adequado para implantar uma inovação no teatro moderno.

A "Teresa Raquin" teve apenas a grande virtude de nos mostrar como a fórmula realista é susceptível de se adaptar ao teatro.

Emil Zola, com as tendências do seu temperamento para interrogar a natureza nas suas extremas cruezas até ao ponto de banir da arte toda a lei da selecção, não é o reformador mais bem dotado para se insinuar simpaticamente no coração das plateias.

Mesmo na "Morte Civil", um drama que no pensamento já se aproxima do ideal moderno, pela simplicidade e naturalidade do entrecho e paixões, manifestam-se estas tendências para captar as plateias pelos efeitos exagerados em vez de as dominar pela acção irresistível da verdade.

(Júlio Lourenço Pinto, "Estética Naturalista")

— O Naturalismo foi uma das polémicas que a grande escritora galega em língua castelhana D. Emilia Pardo-Bazán, condessa de Pardo-Bazán, sustentou ve contra a incompreensão dos intelectuais espanhóis da época, incluindo os mais esclarecidos. Quando vim ao mundo ela mantinha amargas discussões sobre a necessidade de introdução do naturalismo. Para os intelectuais madrilenos ser naturalista significava ser estrangeirizante, ser pouco genuíno. Pelo contrário, D. Emilia deu-se conta de que o naturalismo era a última etapa duma atitude que sempre tinha sido a da literatura espanhola. A literatura espanhola é, por definição, realista. Não é preciso lembrar a novela picaresca, deunuciatória de uma inaceitável realidade: a terrível realidade de um país que construía o maior império do mundo e de um povo que passava uma fome desesperada.

Em defesa do naturalismo, a condessa de Pardo-Bazán teve que discuttir com as mentes mais preclaras da sua época. Entre os quais se contaram até Juan Valera e Marcelino Menendez y Pelayo. Veja-se por exemplo a carta que envia a Menendez y Pelayo na qual se pode verificar que ~~ela~~ não subscreveu a parte anedótica do naturalismo:

— "Tocamos ~~com~~ a mão o vício capital da estética naturalista. Submeter o pensamento e a paixão às mesmas leis que determinam a queda da pedra; considerar exclusivamente as influências físico-químicas, prescindindo até da espontaneidade individual, é o que se propõe o naturalismo — o que Zola chama numa passagem da sua obra "mostrar e pôr em realce a besta humana". Vê-se forçado o escritor, rigorosamente partidário do método proclamado por Zola, a adaptar uma espécie de selecção entre os motivos que podem determinar a vontade humana, elegendo sempre os externos e tangíveis e desatendendo os morais, íntimos e delicados, o qual, além de mutilar a realidade, é artificioso e por vezes raia a afectação..."

— O naturalismo teve a sorte de encontrar em Espanha dois grandes novelistas e teóricos: D. Emilia, da qual vos falei e Leopoldo Alas. Mas, pelo contrário, o teatro não teve esta sorte de contar com personalidades ~~que~~ que soubessem adaptar com justeza os pressupostos renovadores do naturalismo. Verificamos assim que, no teatro, o naturalismo aparece apenas nos seus aspectos mais anedóticos. Vejamos por exemplo o que sucedeu num ensaio duma obra que era uma pura imitação formal das peças de Zola:

- Mas, o que é isso do Naturalismo?
- Ai, não sei porquê, quando ouço essa palavra, fico toda arrepiada.
- A mim, mais do que isso, faz-me medo.
- Cheira-me a proibido. A coisa forte.
- Mas, o que é isso do Naturalismo? Explique-me, Mestre.
- O Naturalismo é uma filosofia. A verdade, só a verdade, nada mais do que a verdade sobre o palco.
- A verdade toda? Iui!
- Querem que lhes explique o que é o Naturalismo?
- Este homem furioso é o empresário do Teatro Tivoli. Ensaiam uma peça com a qual planei uma digressão ao Norte a Galiza.
- Sr. Miró, sr. Miró! Pronto, vamos lá ver então esse drama inspirado como o senhor disse nas obras do Teatro Livre de Paris, que Antoine dirige, nas quais tudo tem de ser tão natural.

- LOURENÇO- Não tenho colher! (Teresa vai buscar uma colher ao aparador, dá-lha e volta a sentar-se). Não lhe dá de comer, a ela? (para a tia, sentada a um canto).
- TERESA- Sim, quando tiver acabado a sopa.
- L.-Não gosto desta sopa. Está salgada. Esta é uma das tuas muitas crueldades. Sabendo que eu não gosto de sal, fazes-me sempre a sopa salgada.
- T.-Lourenço, por favor não procures razões; estou cansadíssima. Não vês que não aguento mais? Tem dó de mim.
- L.-Faz-te doente agora. Torturas-me com pequenas agulhadas. As tuas palavras são agulhas que se me cravam pouco a pouco.
- T.-Verdadeiramente... Bem, faça-se como quiseres, Lourenço. Esta noite também não jantaremos; em vez disso, destroçar-nos-emos, arrancar-nos-emos a pele em tiras. Assim a tua tia ouvir-nos-á. Esta é a festa que todos os dias lhe oferecemos. Então vamos dar-lha já. Bem, Lourenço, comecemos de vez. Vamos até ao fim.
- L.-Como se vê que não caloukas as tuas agulhadas! Espreitas-me escondida, tentas constantemente arranhar o mais íntimo das minhas feridas com o que me dizes. E ficas feliz quando a dor me enlouquece.
- T.- Não fui eu quem achou a sopa salgada. A ti basta-te o mais pequeno, o mais ridículo dos motivos. Diz a verdade: ficas contente quando podes discutir comigo depois toda a noite. Assim acalmas os teus nervos, descentrais-te e consegues dormir.
- L.-Também tu não consegues dormir. Pensas que não te ouço?
- T.-É porque tu estás a meu lado, e o meu ódio não me deixa dormir. Deísto-te. Odeio-te com todas as veras da minha alma. Tu matas-te Camilo.
- L.-Cala-te! Cala-te! Há pouco dizias-me que não devia-mos falar diante dela, mas se queres que te recorde os factos, fá-lo-ei. Tenho uma excelente memória.
- T.-É-me indiferente que ela ouça. Que sofra como eu sofri.
- L.-Quero que confesses a tua parte no crime. E se queres que fale, falarei.
- T.-Eu não matei o pobre Camilo.
- L.-Sim. Sim, mil vezes sim. Não te lembras, já? Passeava-mos os três no molhe e quando, por momentos, ele se adiantou um pouco, sugeri-te: diz-lhe que queres passear de barco. Então matá-lo-ei. Tu correste a dizer-lhe. Entramos no barco. E quando ele adormeceu devido ao narcótico que lhe tínhamos dado, nós dois fatiá-mo-lo ao mar. Camilo quis-se agarrar ao barco, e tu, então, passaste-me o remo para que eu pudesse assassiná-lo. Por momentos duvidei das minhas forças, mas tu gritavas e gritavas: mata-o, mata-o!
- T.-É falso! Cala-te! Cala-te!
- L.-É com o remo eu afastava-o e golpeava-o cada vez mais. Entretanto, abraçada a mim, deste-me forças para o fazer.
- T.-Mentira! Mentira! Quiz fazer-te parar. Tudo o que disste é falso. Confessa que mentes. Ainda farás com que eu enlouqueça.
- L.-Repara bem. Há muito de cobarde nessa tua atitude, nessa tua recusa em assumir a tua parte no crime. Já que queres ir até ao fim de tudo, prefiro acabar imediatamente. Estou absolutamente tranquilo, como podes ver. Vou confessar tudo ao comissário.
- T.-Está bem.
- L.-Prender-nos-ão a ambos. Então veremos o que pensam eles da tua inocência.
- T.-Supões que me metes medo. Não estou menos cansada do que tu. Se lá não fores, irei eu. Sim: irei eu mesma falar com o juiz.
- L.-Não preciso da tua companhia. Sei muito bem explioar tudo, ~~em~~ sozinho.
- T.-Não. De cada vez que nos zangamos tu, á falta de melhor argumento, renovas essa ameaça. Hoje, quero que seja a sério. E como não sou tão cobarde como tu, estou disposta a seguir-te até á força. Anda, vames. Quero ir contigo.
- L.-Como preferires. Iremos juntos falar ao comissário.
- T.-Desceu. Saiu de casa. Tem coragem de nos denunciar?... Já não posso mais! Vou atrás dele, correrei atrás dele, agarrá-lo-ei, fá-lo-ei voltar aqui. E se ele e se ele se puser a gritar ou a fugir? Se começa a dizer a toda a gente o que

~~xxxx~~ se passa?

Meu Deus! Enganei-me quando o obriguei a tomar uma atitude. Devia ter sido mais razoável. Parou na loja. A campainha não toca. Que fazer? Bate de novo. Oh! Oíço como toca... Já sabia ~~que~~ como ele era: um grande cobarde, cobarde, grande cobarde.

L.- Não pude mais.

T.- Já voltaste? Andaste depressa. Que te disseram? Não tens sangue nas veias. Enojás-me. Não; nem isso. Fazes-me ter pena de ti.

L.- Não pude. Não pude.

T.- Deverias ter-me ajudado a livrar-me deste horrível pesadelo. Mas tu és muito mais fraco do que eu. Dá-me a deixa. Martinez, dá-me a deixa, homem de deus. Como és queres que o esqueçamos?

L.- ~~Reconheces~~ Reconheces a tua responsabilidade no crime?

T.- Sim, sou culpada. Mais do que isso: tenho culpas muito maiores do que tu. Deveria ter salvo o meu marido das tuas garras. Camilo era bom.

SR. MIRÓ- Não, Não e não. Não é nada disso. Vamos lá a ver se nos entendemos, se entendem o espirito da obra. Esta peça tem de ser interpretada como se vocês estivessem em vossa casa. Têm de falar Baixo, muito baixo, como se estivessem em vossa casa.

TUTAU- Mas sr. Miró, se se deve falar tão baixo como o sr. pretende, nem os espectadores da primeira fila, conseguirão ouvir-me.

MIRÓ- É preciso fazer ver que estão na intimidade da vossa casa. Tudo deverá ser íntimo, natural, recolhido. Por exemplo, o cenário está demasiadamente iluminado. Está iluminadíssimo!!! O candeeiro que está sobre a mesa é suficiente. Apaguem tudo. Tudo deverá ser naturalíssimo. Compreendem?

SRA. MENA- Mas o sr. pensa que com a luz de um simples candeeiro de petróleo, o público conseguirá ver o que se passa em cena?

MIRÓ- No palco as coisas não-de suceder como na vossa própria casa. Têm de se mover, gesticular, falar como se estivessem na vossa sala de jantar de casa. Por exemplo, o sr. sentar-se-á assim de costas para o público, exactamente como se o público não existisse. Tudo há-de ser NATURALÍSSIMO: há que mostrar que não é teatro, mas sim o dia a dia. É preciso falar como se estivessem conversando com um amigo numa casa qualquer.

TUTAU- Então, sr. Miró; veja lá: se hei-de representar de costas para o público, e além disso, falando muito baixo, como o sr. pretende, como podem os espectadores da primeira fila ouvir-me?

MIRÓ- Não sr. Tutau, não. NATURALIDADE; lembre-se da quarta parede; actue como se aqui houvesse uma parede.

ELIAS- Ouça jovem, jovem autor... sr. Miró, o seu drama não me interessa.

MIRÓ- Porquê?

ELIAS- Porque quanto a bilheteira NADA COMPREENDE? NADA.

A outras latitudes chegou também a lenda da nossa humilhação de .Será porque não fazemos uma revolução/para derrubar os caciques? Será porque não protestamos com violência quando os governos de Madrid nos abandonam? Será acaso porque temos modos corteses de falar e tratar com os forasteiros?...

/diária

Porém, ainda que nos favoreçam as comparações, e ainda que individualmente os galegos tenham força para se redimirem da miséria, pela inteligência, perseverança e pelo trabalho, também é certo que o nosso povo carece de consciência coletiva para exercer os seus direitos, apresentando-se como uma massa vencida e resignada diante do poder. Isto é verdade; mas que se passou para que na Galiza as qualidades individuais não concordem com as colectivas? Para responder a esta pergunta bastaria consultar os últimos quatro séculos da nossa história.

*Não há concórdia entre os indivíduos  
e a colectividade.*

(25/100) (166?)

CATECISMO DO CAMPONES

O "Catecismo do Camponês", impresso em Orense em 1889, vem desde então sendo editado em sucessivas e volumosas reimpressões.

É "vox populi" que é seu autor Valentín Lamas Carvajal, que se ocultou sob o pseudónimo de "Frei Marcos da Portela, doutor em Teologia Campestre".

Lamas Carvajal nasceu em Orense em 1849 e na mesma cidade morreu em 1906. Filho da miséria, pôde estudar com a ajuda de um tio. Frequentou o Bacharelato em Orense e estudou Medicina em Santiago de Compostela. Não se sabe se chegou a formar-se. Casou-se em 1874, quando estava quase cego. Pouco tempo depois, deixou de ver e dedicou-se, em exclusivo, à poesia, prosa e jornalismo.

Curros

Foi contemporâneo de Rosalia de Castro e de ~~xxxx~~ Henriquez. Em 1874, fundou e dirigiu o jornal "Heraldo Gallego" e, em 1876, a primeira publicação periódica em galego "O tio Marcos da Portela". <

"O catecismo do camponês" é um pequeno livro dialogado, com dois personagens: um padre, que pergunta, e um lavrador galego, que responde. O seu autor foi católico fervoroso e sincero, ao ponto de, por razões de religião, cortar relações com o seu grande amigo e colega Curros Henriquez.

Segundo o Camponês, os seus inimigos são os seguintes:

- a) As contribuições sempre exorbitantes
- b) O serviço militar, do qual, em regra, os ricos se livram.
- c) Os que governam, desde os nove ministros de Madrid, aos governantes de aldeia
- d) A falta de escolas
- e) Os usurários, de cujas ganças e embustes não se pode fugir
- f) Os profissionais de ética duvidosa e interesseira (addogados, médicos, ...)

O Camponês está permanentemente cónscio de que lhe não farão justiça apenas pelo facto de ter razão; para que esta injustiça se torne concreta e constante existem o Presidente da Junta, o Presidente da Câmara (Alcaide) e o Secretário da Câmara. x

Na mesma época, Curros Henriquez atacava como Lamas Carvajal a emigração, as contribuições, os responsáveis e os sistemas, mas de um modo mais incisivo. A musa de Lamas era mais conservadora e até por vezes menos lúcida. Mas isso não impediu que chegasse à Espanha uma obra-prima e fundamental sobre a vida do campo. Devemos entendê-la como produto de uma época, como fotografia de uma humanidade, não só congelada, como impermeável a qualquer forma de horizonte diferente.

X.A.M. 2

P. - Sois camponês?

R. - Sim, por minha desgraça.

P. - Esse nome de camponês, de quem o recebeste?

R. - Da sacola que me faz calos nas mãos, da terra que rego com o suor do mau rosto, da fome de cão que passo, do ar que zumbe nas minhas algibeiras, da monteira que levo à cabeça, do capote de palha que me protege da chuva, das cercas de estopa que me cobrem meio corpo, e de outras misérias entre as quais vivo agoniado.

P. - Que quer dizer camponês?

R. - Homem exausto de trabalho, espécie de besta de carga conduzida à força pelos que governam, a quem fazem pagar cédulas como a pessoas para trata-las depois como a cães, que tem algibeiras no vestuário por fantasia, boca na cara por engano, que rasteja como as cobras, que fura a terra como as toupeiras, que trabalha muito e come pouco, que, à semelhança dos burros do arrieiro, carrega vinho e bebe água, procura o trigo para comer o milho, que pede esmola mas em vão, e que vem a ser considerado pelos seus semelhantes como um Nada que a todo o instante chamam Zé-Ninguém.

P. - Que entendeis por lavrador?

R. - Uma especie de boi em pé, uma máquina de extrair patacas da terra.

P. - Qual é a sina do camponês?

R. - A pobreza.

P. - Porquê?

R. - Porque nela vivemos e morremos.

P. - De quantas maneiras sofre o camponês esta sina?

R. - De duas.

P. - Quais são?

R. - Jejuar a cada passo e andar à mingua.

P. - O que é jejuar a cada passo?

R. - Uma coisa condenada que faz amolecer as carnes, abrir a boca, roncar as tripas e inchar a barriga.

P. - O que é andar à mingua?

R. - Deitar-se com apetite e erguer-se com fome; sentir desejos de comer pão e só comer esse desejo, sentir desejos de beber vinho e só beber vento.

P. - Dizei-me como.

R. - Meto por engano as mãos na algibeira e somente encontro ar; pego no saco de

Lemos

grão para ir ao moinho e só encontro o lenço; vou a casa dos que têm, pedir um peso emprestado, e se me derem com a porta no focinho, despacham-me com palavras de muito peso, mas não o peso que eu cobigo; vai oncobrador para que lhe paguem os impostos e só tenho desculpas para lhe dar.

P. - Porque meteis as mãos nas algibeiras?

R. - Por ainda não termos perdido o costume que herdamos dos nossos pais que viveram mais acomodados.

P. - Porque as levais à boca?

R. - Enganando-nos, cuidando ser pão para assim enganarmos a barriga.

P. - Porque pegais na sachola?

R. - Porque os nossos governantes nos pedem a cada momento a paga dos impostos e os senhorios as rendas.

P. - Quais são os vossos inimigos?

R. - Contam-se aos centos.

P. - Que inimigos são esses?

R. - Dos maiores do mundo, do diabo até à carne como têm todas as pessoas, temos uma quantidade deles: nove ministros em Madrid, o delegado da fazenda na provincia; o administrador subalterno no partido, o vizinho do lado, a miséria em casa, o granizo nas colheitas, a filoxera nos vinhedos, o cobrador metido na cabeça, os impostos e a contribuição territorial na medula dos ossos, o imposto de consumo entalado na garganta, a crença que nao podemos melhorar de sorte no espirito, as falcatruas da cúria enterradas até ao pescoço, etc.... etc.... etc....

P. - E o trabalho tem força contra eles?

R. - Nao padre nada disso.

P. - E porque não?

R. - Porque não há dinheiro que lhe chegue nem o trabalho é suficiente para contenta-los.

Castelao, quando estudante em Santiago, pertencia a uma Tuna presidida por Rodriguez de Viguri.

Numa occasião a Tuna ~~xxx~~ ficou retida em Lisboa porque o presidente tinha gasto os fundos a comprar roupa interior de luxo, sapatos dos mais caros e ~~algumas~~ <sup>outras</sup> prendas para oferecer como prova de amor a uma cançonetista, então famosa. Os setenta elementos da Tuna fizeram uma reunião na qual um estudante de Direito pediu que fosse castigado tal presidente em virtude do seu acto tão imoral, quase criminoso, de gastar os fundos sagrados em roupa interior e sapatos de mulher. O presidente estava em perigo. Castelao foi o seu advogado de defesa e dirigiu-se à assembleia da seguinte maneira: "Não quero de maneira nenhuma justificar o facto de o presidente ter provocado esta situação, deixando-nos sem outros bens que estes trajes de entrudo e estes instrumentos, onde só podemos tocar um repertório mais limitado do que o dá qualquer banda de aldeia. Mas, tendo em conta o prestígio da illustre Universidade que representamos e da qual o nosso presidente é o embaixador, atrevo-me a pedir que o desculpeis; pois como ficaria o prestígio da nossa Universidade se o nosso presidente tentasse engatar uma artista tão famosa com biscoitos ou com um corte de chita?"

## MADRIGAL À CIDADE DE SANTIAGO

Chove em Santiago  
meu doce amor  
Camélia branca do ar  
brilha enternecida ao sol

Chove em Santiago  
na noite escura  
Ervas de prata e de sono  
cobrem a furtiva lua

Olha a chuva pela rua  
lago de pedra e oristal.  
Olha no vento esvaído  
sombra e cinza do teu mar

Sombra e cinza do teu mar  
Santiago, longe do sol;  
Água da manhã antiga  
Estremece meu coração

Frederico Garcia Lorca

Lorca

Até há pouco tempo as relações entre Galiza e Portugal resumiam-se a visitas académicas de tunes e professores. A Universidade Castelhana que o Estado Espanhol sustém em Santiago de Compostela, bem podia entender-se com a Universidade de Coimbra [esse terrível foco desdacionalizador, por cruel ironia situado no meio da mais estranha paisagem quinhentista]. Sem compr o meterem o artifício cultural e político em que vivíamos. Os visitantes universitários de Além-Minho esmeravam-se em falar-nos um castelhano risível e jamais deixaram um só livro português à venda nas nossas livrarias. Achavam natural que os galegos só pudessem mercar obras portuguesas traduzidas infamemente em castelhano, porque não sabiam que podíamos le-las no idioma de origem. Lembre-me que no ano de 1906 fui eu a Coimbra numa tuna académica e os estudantes lusitanos assanharam-se quando lhes falava em galego, como se isso lhes lembrasse qualquer origem bastarda.

Não lhes importava que juntos, numa unidade superior às contingências políticas, tivéssemos criado movimentos literários, que são marcos da civilização ocidental, numa língua que ~~lhes~~ eles depuraram e agigantaram mas que nós ~~h~~oubemos manter na ~~ma~~ pureza e no estado eminentemente popular daquela literatura. Para eles a Galiza estava no Norte embrulhada em nevoeiros e chuvas. ... e os estudantes portugueses trauteavam zarzuelas madrilenas e sonhavam com amores sevilhanos ... E pensai que naquela época primavam em Coimbra os ideais republicanos.

.....

Mas alguns de nós voltávamos de Portugal com os olhos prenhes de fermosura e o coração fendido de saudades, alegres por termos visto ali o nosso próprio génio em liberdade.

Castela (1867)

P- Como camponês em que coisas acreditas?

R- Nos artigos, principalmente como se encontram no credo.

P- Para que servem os artigos?

R- Para conhecermos os deuses da nossa aldeia.

P- Quem são esses deuses?

R- O alcaide, nosso senhor; o Secretário, nosso amo; e o Cacique, nosso dono.

P- Quem é o Alcaide vosso senhor?

R- É a coisa mais vil que se pode dizer ou pensar: um senhor infinitamente mau, burro, ladrão, injusto, princípio de todas as nossas desgraças e fim de todos os nossos haveres.

P- E a condenadíssima trindade, quem é?

R- O mesmo Alcaide, o mesmo Secretário e o mesmo Cacique, três pessoas distintas numa só calamidade verdadeira.

P- O Alcaide é deus?

R- É sim senhor.

P- O secretário é deus?

R- Oxalá o não fosse.

P- O Cacique é deus?

R- Assim ele endoidecesse tanto como o é.

P- O Alcaide é Secretário?

R- Não senhor.

P- O Secretário é Alcaide?

R- Às vezes.

P- O Cacique é Alcaide ou Secretário?

R- Se não é, parece.

P- Porquê?

R- Porque se estas pessoas são distintas, tornam-se numa só quando se trata de cascar em nós, de sugar o nosso sangue e de nos pôr as algibeiras ao sol.

P- Então quantas naturezas, entendimentos e vontades há nesses deuses?

R- Naturezas duas, uma de lobo e outra de porco; entendimentos nenhum; vontades a do governador, a do deputado, a do juiz e ainda as suas más vontades.

P- Como é que o Alcaide é deus?

R- Fingindo uma influência que não tem, surripiando votos nas urnas, tirando o chapéu e fazendo vénias aos que mandam, amesquinhando os que têm o seu domínio, recolhendo os nossos presuntos e repartindo-os com os magnates da cidade, tirando quartos aos quintos quando se herda para serem os primeiros em riqueza e os últimos em distribuição dos consumos, lançando armadilhas aos que não são da sua laia, repartindo os destinos do Conselho entre a gente da família, lobos da mesma camarilha, e com os que precocemente se revelam, jogando na política como rapagões à bola, e fazendo enfim quantas falcatruas lhes vêm à cabeça para conservarem o poder.

P- Como é criador?

R- Porque tira do nada os deputados e os regedores.

P- Para que é que deus criou o camponês?

R- Para servir o Alcaide e morrer de fome cá nesta vida e se calhar, viver ardendo na outra.

P- O Alcaide parece-se connosco?

R- Sim, se bem que para nós vê-lo é como se vissemos o diabo.

P- Quem é o Secretário?

R- É uma criação do senhor Alcaide tão bom como ele e que se tornou Secretário para nos revender e dar maus exemplos.

P- Quantas naturezas, vontades e entendimento tem o Secretário?

R- Natureza uma só e basta; Vontade a dele e a de todos os que tem por cima, e entendimentos se é que tem algum, mais valia que o não tivesse.

P- E quantas pessoas e memórias?

R- Uma só pessoa com muitas caras; e memória, a suficiente para se lembrar do que lhe interessa.

P- O que quer dizer Secretário?

R- Acabador.

P- De quê?

R- Da nossa paciência e dos nossos tostões.

P- Como foi concebido o Secretário?

R- Pela graça do Alcaide e do Cacique, contra a natureza e milagrosamente.

P- Porque razão dizes contra a natureza e milagrosamente?

R- Porque o Secretário não foi concebido nem nasceu como os outros homens.

P- Então como se deu o mistério da concepção do Secretário?

R- Na fraca cabeça do senhor Alcaide meteu a Cacique o pensamento de que para acabar como o país era preciso um homem de sangue mouro, maus figados e piores acções; com um sopro do diabo apareceu um corpo como desejavam, juntaram-lhe uma alma atravessada, assentaram no nome, e aquilo que antes era um homem apenas tornou-se Secretário.

P- E como nasceu milagrosamente?

R- Sem prejuizo da sua brutalidade o alcaide tirou-o da cabeça, do mesmo modo que um preso sai de um CÁRCERE-MODELO sem arrombar fechaduras nem portas. /A

P- E porque quiz ser Secretário??

R- Para fazer a vida do camponês no inferno.

P- Que entendes por inferno??

R- A aldeia em que vivem os camponeses.

P- Mas quantos infernos há?

R- O inferno dos que pagam impostos e rendas, e não têm pão para a boca; O purgatório dos que estão ao serviço do rei vendo os filhos dos ricos em casa; limbo das crianças onde estão os que aprendem a ser camponeses, descalços, esfarrapados, pálidos de fome, arrecadando o gado no curral e a lenha do monte, e sem sequer conhecer uma letra da cartilha dos cristos; E o limbo dos justos onde vivem palermas que acreditam nos discursos dos políticos, nas palavras dos deputados, na protecção do Governo, que acredita que acabarão por sair vencedores dos seus atoléiros sem se sujarem, e que se há-de

fazer justiça só porque se tem razão: a gente mais feliz de todas porque acreditam que basta trabalhar para comer.

P- O que é estar sentado á direita do senhor Alcaide?

R- Ter quase o seu qinhão de poder fazer favores aos amigos, e toda a casta de falcatrua aos inimigos, mexer os cordelinhos e tirar algum de todos os negócios que lhe passam pela mão.

P- O que pensas existir no Conselho?

R- Que há ali uma dúzia de preguiçosos de quem não se pode esperar nada de bom; gente que quando se junta não pensa em mais nada senão em espremer-nos o suco; em roubar-nos as quartas do consumo e as filhas para a guerra; em fazer-nos trabalhar nos caminhos que vão dar às suas casas; em tirar-nos o voto e dar-nos a cédula pessoal; espírito maligno a quem faz inveja às galinhas das nossas capoeiras e os porcos das nossas pocilgas; que quando se juntam é o mesmo que chocarem duas nuvens de granizo sobre as nossas terras; e quando se separam e passam por nós há que fazer-lhes uma figa como se faz ao demónio e tirar-lhes o chapéu como aos fidalgos.

P- Além do que tens dito pensais em mais alguma coisa?

R- Sim, senhor, porque tudo o que se diz dessa gentalha é pouco.

P- Que coisas são essas?

R- Isso não me pergunte a mim porque Não poderei contestá-lo por causa da fúria que, qual o raposo às galinhas nos anda farejando para nos por à sombra. /m

P- Fazeis bem em vos calar, porque na boca fechada não entram as moscas, e ao bom calado chamam-lhe camponês.

Quanda se estreou "La Intrusa", traduzida por Pompeu Fabra para ser representada em Sitges, em casa do meu amigo Santiago Rusiñol, a intelectualidade espanhola estabeleceu contacto com Maeterlinck.

Um toque de decadentismo tornava ainda mais difícil a ~~xxx~~ nossa fé. Assistia-se às audições de "Pélleas e Melisande", lia-se Baudelaire e Nietzsche e deleitávamo-nos com os versos doentips de Verlaine. Éramos adeptos fervorosos da arte belga e da Nouvelle Esthétique.

Naquele tempo de vibração modernista, dizia-se: "A palavra é música como a música é palavra. A cor é palavra e música ao mesmo tempo".

Tudo se correlacionava, tudo, exactamente tudo, resultava na máxima expressão teatral, no mais elevado sentido do termo.

Foi, sob estas influências, que Adrià Gual escreveu "Nocturno Andante Roxo".

47

Viandante- Quem sabe onde estamos?  
 Irmã - Quem sabe?  
 Narrador-- A rapariga senta-se no parapeito do miradouro e apoia a cabeça na mão. Sobre um ramo de árvore próxima apoia um braço.  
 Viandante- Não sentes um rumor?  
 Irmã - Sim, de folhas e também de água.  
 Viandante- Parece que alguém se aproxima.  
 Irmã - Não sei. Está tão escuro.  
 Viandante- Está sempre escuro. Tens medo?  
 Irmã - Não, o ruído não me assusta. E a ti?  
 Viandante- Porque havia de me assustar?  
 Irmã - O rumor das folhas aproxima-se.  
 Viandante- E cresce o ruído da água.  
 Irmã - E traz consigo uma aragem fresca e suave.  
 Viandante- E um cheiro bom de erva macia.  
 Narrador - A jovem fica um momento com os olhos fechados e sorri a um pensamento consolador e bom. De súbito, levanta a cabeça, passa a mão pelos cabelos e dá-se conta que em vez da árvore há ali um homem, alto, jovem, que a observa como que a ampará-la. Mais longe, o viandante sentado, dorme.  
 Irmã - Quem é? diga quem é?  
 Ele - Do escuro pressentia-te e sentia-te só.  
 Irmã - Não te vi nunca. Porém, estranhamente, conheço-te. Lembro-me dos teus cabelos, dos olhos, do rosto. Recordo-te como um sonho, talvez um velho sonho.  
 Ele - Sonho, realidade: palavras que não duram. Como o ar, como a noite.  
 Irmã - Mas eu, eu procuro a certeza.  
 Ele - É apenas uma outra palavra. Caminhamos entre palavras, perseguimos sombras de palavras. Mas agora repousa, dorme. Eu velarei, não me moverei do teu lado.  
 Irmã - Agrada-me o que dizes, agrada-me a tua voz. Estou feliz por te ter encontrado.  
 Narrador-- Ela fica a olhá-lo e repousa as mãos sobre os joelhos do homem que a contempla com um sorriso. Ele olha-a e cobre-a com o seu manto roxo, ao olhá-la, sorri. Depois ficam imóveis.  
 Viandante- A minha irmã dorme.  
 Narrador - Ele torna a adormecer debaixo duma árvore que se transforma numa mulher muito bela. A aparição acaricia o adormecido viandante.  
 Viandante- Oh! o sonho de agora. A breve e rara vida de um sonho!  
 Narrador - Pouco a pouco dá-se conta da presença dela e diz.  
 Viandante- Como vieste? donde chegas? Esperei-te sempre e agora eis-te aqui.  
 Narrador - Quer convencer-se e soergue-se já completamente acordado. A mulher abraça-o.  
 Viandante- Agora eis-te finalmente aqui.  
 Ela - Sim. Não o desejavas?  
 Narrador - O viandante corresponde ao abraço dela. Depois dirá numa só palavra, repetindo-a, o seu amor.  
 Viandante- Amo-te, amo-te, amo-te, amo-te.  
 Ela - A mim ou ao teu sonho?  
 Viandante- Como posso distinguir? Não fugirás agora?  
 Ela - Não fujo.  
 Viandante- Não seria capaz de o suportar.  
 Ela - Pensas que fugirei?  
 Viandante- Porque o perguntas?  
 Ela - Para saber o que pensas.

Viandante- Não fugirás porque os meus braços te reterão aqui.  
 Porque te amô.

Ela - Eu também.

Irmã - Porque estás tão calado?

Ele - Não estou calado.Falo-te.

Irmã - Falas muito baixo.Não te ouço.

Ele - Falo sempre contigo, sempre.

Irmã - Não te ouço.Se me aproximar mais,ouves-me?

Ele - Talvez.

Irmã - Queres que me aproxime?

Ele - Vem.

Viandante- Quando amanhã o sol nascer,verei o teu rosto.Adivinho  
 que tens os olhos azuis.

Ela - Não,são verdes como a água do lago.

Ele - E agora ouves-me?

Irmã - Não e no entanto estás a meu lado.

Viandante- Que ar tão suave.

Irmã - É uma hora tão tranquila.

Ela - Parece-te suave?

Viandante- Muito.

Ele - Parece-te tranquila?

Irmã - Muito.

Viandante- Onde iremos quando romper o dia?

Ela - Pensa sobretudo neste momento.

Viandante- Diz que virás comigo quando a noite acabar,que não me  
 deixarás,que caminharemos juntos.

Ela - Sim,irei contigo,faremos juntos o caminho.

Irmã - Não me deixes mais.

Ele - Não.Aproxima-te um pouco.

Irmã - Mais perto?

Ele - Sim.

Narrador - Abraçam-se os dois fortemente.

Viandante- Aproxima-te,vem,aproxima-te;receio que fujas,vem.

Narrador - Os dois abraçam-se.

Irmã - Sempre contigo,sempre.

Ele - Para sempre.

Viandante- Sempre comigo.

Ela - Para sempre.

Narrador - Ficam os quatro em silêncio um longo silêncio.De súbito  
 o homem e a mulher desaparecem e tornam-se a ver as ár-  
 vores que tinham acolhido o sono do viandante e da irmã.  
 Esta levanta-se surpresa e o viandante também.Olham em  
 volta.

Viandante- Temos que seguir o nosso caminho.

Irmã - Irmão!

Viandante- Irmã.

Piedade Mascarenhas - Que me diz da mulher-árvore?

Imaculada Sá - Filha - outra embrulhada.

Piedade Mascarenhas - É o Simbolismo, minhas senhoras, é o simbolismo.

Imaculada Sá - E os abraços? Que quer que lhe diga...

Piedade Mascarenhas - E quando ele cobre a irmã com um manto roxo, como se faz às imagens da Semana Santa? Também é Simbolismo?

Mosqueira Matos - Claro que sim minha senhora. Os Gregos...

Piedade Mascarenhas - Fugam, fugam. Para mim coisas claras. Árvores são árvores, os homens homens. E um homem um Deus.

Imaculada Sá - De acordo estimada amiga, mas não se excite senão perde o abafa.

Piedade Mascarenhas - E você arrasta a mantilha.

Mosqueira Matos - Mas minhas senhoras, não se excitem desse modo. Trata-se do Simbolismo. Apenas do Simbolismo. Não sabem que em Londres e Paris e até mesmo na Póvoa de Varzim se usa agora o Simbolismo?

- Barcelona é conhecida como a Atenas do modernismã nas letras, nas artes plásticas e nas auditivas, ou seja, nas que entram pelos olhos ou pelo ouvido, indo, umas e outras, directamente, sem mais detenções, fazer místicas cócegas no adormecido cérebro, com a dourada palheta que acorda as mais íntimas sensações.
- As letras ~~contam~~ contam exímios cultores que tantas vezes exprimem com suas inspirações diversamente matizadas tão depressa o som do voo de uma mosca como a cor de um burro quando foge.
- Já não se deve dizer as coisas tais como elas são, mas sim pintá-las por palavras criteriosamente escolhidas, com inflexões muito musicais, vagas e solenes, ou melhor dizendo, vagas de solenidade, e, como tal, incapazes de ganhar esta triste vida.
- Mas isso é indiferente. A glória literária está mortalmente zangada com a paparoca: a glória literária nutre-se de visões fantásticas, de balelas romanciadas, de sonhos febris, de sombras e mistérios, de vacuidades e incongruências, sonhadora de delícias.
- Mas a mim modernista, tudo o que é correntio é suspeito. O que é geralmente aceite, óbvio, abominável. Só terá valor a aventura que abre novas liberdades para a arte.
- Se uma cadeira pode parecer uma flôr, porque há-de parecer uma cadeira?
- Rapariga modernista - É suspeito tudo aquilo que for clássico, tudo o que signifique ordem, tudo o que se exprsse em linhas direitas.
- Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.
- Contra a realidade e o mundo da imaginação.
- Contra a linha recta a curva criadora.
- Contra a razão o sentimento.
- Contra a comodidade a aventura.
- Contra a harmonia o imprévisto.
- Contra a luz do meio dia a do crepúsculo.
- Contra o classicismo o medievalismo romântico.
- Contra a lucidez a embriaguês.
- As coisas habituais nada dizem, não têm valor para a linguagem. É necessário procurar o estranho, sempre o estranho.
- Haverá algo mais belo do que uma coisa bela?
- Sim, há as ruínas de uma coisa bela.

- Já então Antonio Machado dizia:

- Daqui vejo eu de que modo está de acordo com a realidade essa sua desgarrada e soberba composição e vejo também a sua repulsa por essas chalaças dos modernistas cortesãos. A esses moços leva-los-ia eu a Alpujarrá e aí os deixaria ficar um par de anos. Creio que isto seria mais fácil que pensioná-los para estudar na Sorbone. Muitos seguramente desapareceriam do mundo das letras, mas quem sabe se algum encontraria raízes mais fundas e verdadeiras.

- Manual do perfeito modernista:
- Sou neurótico, decadente,  
simbolista, incoerente,  
esteta deliquescente  
e admirador de D'Annunzio
- Chapéu mole de aba larga, amachucado às patadas.
- Também Gual me agrada muito  
mas mais Rusiñol  
que é capaz de parir um sol  
só para agradar a Zaratustra
- O fato deve ser de veludo de cor castanha fervida e bem largo.
- As fadas entusiasma-me,  
anémicas  
e dão-me prazer as cascatas  
que há em Pitxot ao fim da tarde
- As calças usam-se sempre arregaçadas, como se andassem a trabalhar  
na horta.
- Prefiro fruir a desfrutar  
e parece-me que não fica bem  
dizer-Há que aguentar-  
e sr. Mauri passe bem
- Passemos ao aspecto físico. é necessário que o cabelo se use com-  
prido. Quem for careca que compre um chinô, nem que seja de corda  
pintada.
- Eu sou o único que, errado ou certo  
uso com rara sorte  
...o bafo da morte  
e a tarde de sol aberto
- Um modernista que não use os cabelos à romana é como um cão sol-  
to na cidade sem coleira. Ninguém o reconhece.
- Agradam-me os tons escurecidos  
as cores pálidas, os arroxeados  
gosto mesmo dos esverdeados  
mas os verdugos não me são queridos
- Em música será partidário de Grieg e de Franck, sobretudo de  
Franck, que é mais barato. Quando se falar de Clavé, há que dizer  
"sch" com uma careta compassiva que indique claramente que só  
não se vai imediatamente com os restantes destruir-lhe o monu-  
mento porque isso acarretaria demasiada despesa.

- A modorra também me agrada  
e a chuva que cai  
que vai caindo  
e assim sucessivamente  
até que a estrofe findo.
- No que respeita a pintura ficam enojados só à vista de um  
quadro acabado. A arte não é isso. Onde é que se viu erva que  
pareça erva, núvens que sejam núvens e figuras que tenham  
olhos e cara?
- Tenho uma memória brilhante  
conheço cento e trinta e seis nomes  
estranhos, um deles suiço,  
de poetas e de artistas
- Todo aquele que for de cá criticarás. Quando se falar de li-  
teratura não haverá um único escritor nacional que valha al-  
guma coisa.
- Mas os que mais uso e retanho  
são Björnson e Maeterlink  
Sudermann, Verlaine, Perez-Jorbe  
Baudelaire e Bükling.
- Os únicos que sabem algo são os do norte. Ibsen oh! Björnson ah!  
Cita-os sempre. Não interessa que os não conheças. Eles também  
não te conhecem. Estais em pé de igualdade.
- Não me agrada Guimerá  
E enfim acho que Zola  
não é carne nem é peixe  
Comparado com Nietzsche.
- Se fumas, usa cachimbo. Mas nunca um cachimbo normal ou artis-  
tico. Tem de ser algo de monstruoso, ciclópico. Uma pata de ele-  
fante, um ramo de carvalho ou um cântaro de tamanho natural  
com asas e tudo.
- Sim serei deliquescente  
neurótico e decadente
- Por último quando acabares de comer a sobremesa, não hesites:  
pede bolachas.
- Viva Nietzsche! Viva o vitalismo.

58

- Os homens procuram-nos, as mães vigiam-nos  
Nós sonhadoras pensamos na amor  
A túnica branca que o corpo agasalha  
É fraca mortalha  
Que esconde um tesouro

- A carne fresca e pura as formas modela  
Esplêndidas formas que puras guardamos  
Quando estamos sós, longe dos olhares  
As nossas caras de rosas  
Com gozo contemplamos

- Somos virgens, somos virgens, somos virgens forçadas  
Por leis detestadas que escravas nos tornam  
Prazeres e venturas que o cérebro senha  
De noite e de dia  
Em vão procuramos

- Mediterrânicos, afoga-vos a estética!

- Este senhor Unamuno nunca nos compreenderá. Continuai virgens, continuai!

- Se a alma é virgem porquê também o corpo  
A túnica branca que o corpo agasalha  
Rasguemo-la. É mortalha  
Que esconde um tesouro.

"El clan de las virges" (Jean Oliva Bidgam)

Convém muito que partam de bicicleta. Este exercício para além do que proporciona ao indivíduo, torna-o corcunda. É tão modernista andar curvado ainda tão jovem aparentando um grande desdém pelo mundo. Fica tão bem parecer que se virou costas a tudo!

Em primeiro lugar é necessário que o ciclista não tenha receio das quedas. É também conveniente que os braços não estejam rígidos. Há diversos sistemas para montar numa bicicleta.

Os mais comuns consistem em servir-nos do pedal, ou melhor ainda, a montar tendo a bicicleta entre as pernas. Para desmontar é mais cómodo usar-se o pedal, muito embora alguns prefiram saltar para trás ou então parar apoiando o pé no passeio.

O eixo do pedal há-de ficar exactamente a um terço da planta do pé a contar a partir da ponta dos dedos. Ao pedalar convém que a ponta do pé esteja apontada para baixo. Para uma pessoa se aguentar, quando a máquina se inclina para um lado, deve-se virar o guiador de modo a que a bicicleta se desvie para o mesmo lado.

Quando você quizer fazer uma excursão de bicicleta arranque uma bomba de ar, um pneumático, uma camisa de dormir (de seda), um lenço, meias, uma camisola, uma pistola e um mapa. É muito prático guardar vários botões, dinheiro, o relógio num cinturão, do qual serão pendurados o revólver ou a pistola.

Os críticos- escreve Ramón Sender- atribuem o estilo de Valle-Inclán a influências estrangeiras, entre as quais predominam o italiano D'Annunzio e o francês Barbey d'Aurevilly. Eu confesso que nunca me inclinei a crer nessas influências como coisa importante. Don Ramón era muito mais vigoroso que Barbey e menos retórico que D'Annunzio, e o mais pessoal da obra do grande galego, os Esperpentos e as Comédias Bárbaras, não tem nada que ver com eles.

Os grandes críticos Valera e Menéndez/ Pelayo não só esqueceram a Condessa de Pardo Bazán e até depreciaram a nossa grande poetisa Rosalia de Castro, precisamente porque ela dirigiu sempre os olhos para o Povo ignorando os intelectualismos dos intelectuais de Madrid. Para eles Rosalia era demasiado simples/. Não souberam compreendê-la e por isso a história, e todos nós, não lhes perdoar este acto. Mas foi a geração de 98 que soube compreender a importância universal da nossa Rosalia e muito concretamente Unamuno, Azorín, Juan Ramón Jiménez. Ao dirigir os olhos para Rosalia encontraram a Galiza. Esta terra tão esquecida do centralismo castelhano, esta cultura tão elvidada pelos escritores de Madrid são preocupados em fazer carreira esquecendo a construção duma cultura ibérica. O exemplo de Unamuno, de Azorín e Ramen Jiménez, seria seguido pela geração de 27, e muito concretamente por Lorca que já chega a escrever seis poemas em língua galega. Em um dos seis poemas falará de Santiago, cidade onde eu estudei e me enchi de sonhos.

Mas voltamos a Unamuno. Foi um dos primeiros a preocupar-se com a comunicação entre as diferentes culturas da Ibéria. Foi quem escreveu aquele livro revelador "Per terras de Portugal e da Espanha". Talvez não tenha visto o problema político como eu o vejo. ~~Eu acredito numa Confederação Ibérica, numa República Federada com autonomia para todos os seus povos, respeitando todas as liberdades políticas e as inalienáveis nacionalidades. Até chego a pensar que a Galiza pode ser a ponte de partida para o diálogo que poderá levar a essa tão desejada União entre Portugal e Espanha.~~

Em Portugal chegou-se a este princípio de filosofia desesperada: o suicídio é um recurso nobre e uma espécie de redenção moral. Neste mal fadado país todo aquele que é nobre se suicida. Tudo o que é canalha triunfa.

-A Europa despreza-nos; a Europa civilizada ignora-nos; a Europa medíocre, burguesa e egoísta detesta-nos, como se detesta gente sem vergonha e sobretudo... sem dinheiro. Apesar disso, Portugal tem muita nobreza moral; há ainda, pelo menos, nobreza moral bastante para morrer.

-Você diz que tudo o que se está a passar em Portugal, com o regicídio de D. Carlos, é o nascer de uma espécie de terror social. Será. Mas há quem diga que esse terror é apenas um abscesso que depois de supurar nos permitirá viver longos dias de felicidade. Frente à corrupção monárquica, os Republicanos oferecem um ideal de felicidade.

-Os poetas portugueses dão-nos suspiros e queixas, saudades e doçuras líricas. E dão-nos uma língua que é um deleite, sobretudo para nós que temos as ovidiosas feridas pela aspreza do castelhano. Têm vozes que nos acariciam os ouvidos e a imaginação: saudade, seturno, luar, neveiro, mágoa, noivado... vezes cuja alma é intraduzível.

-Os poetas portugueses são, em geral, pouco eruditos. A sua cultura é pouco variada.

Em 1933 preparava-se a estreia de "Divinas Palavras" em Madrid. Devia representar a obra, no Teatro Espanhol, a companhia dirigida por Margarita Xirgu e Enrique Borrás. Os cenários não foram encomendados a nenhum dos numerosos cenógrafos habitualmente vinculados aos teatros de Madrid. O autor exigiu que fossem criados pelo artista que representava mais autenticamente o espírito galego: Alfonso Rodríguez Castelao.

Valle-Inclán residia então em Roma, como director da Academia Espanhola de Belas-Artes. Dias antes da estreia deslocou-se da capital italiana a Espanha para assistir aos ensaios. No final de um deles, saindo do teatro para a praça de Santa Ana, acompanhado de Castelao, Don Ramón foi abordado por um redactor do "El Sol". A entrevista foi publicada no dia seguinte no inolvidável rotativo.

Uma das perguntas foi:

- Assistirá à estreia?

- Não me será possível - respondeu talvez nem possa assistir a mais ensaios. Parto de seguida para Roma. Não tenho qualquer receio da interpretação. Sei que Rivas Cherif cuidará do assunto com carinho. A Xirgu e Borrás estarão óptimamente nos seus papéis.

E ajuntou:

- O complemento dá-lo-á Castelao. Dele depende a imagem de "Divinas Palavras", o mais importante para que Galiza esteja em cena.

Já entrara na curva descendente da vida, mas, o fervor pela qualidade da sua arte e pela imagem da sua terra vivia-lhe na alma, tão forte como no primeiro dia.

Trinta anos depois, "Divinas Palavras" era reposta em Madrid. O êxito alcançado foi rotundo. Esteve vários meses no cartaz. Chegou a ser representada em Paris e noutras grandes cidades, entre as quais Buenos Aires, onde encarnou a figura da protagonista a genial actriz galega Maria Casares.

- 1898

- Guerra hispano-americana. Os Estados Unidos da América ajudam os rebeldes de Cuba.
- Nas Cortes de 1895, Sagasta disse:
  - A Espanha está disposta a gastar até à última peseta e a dar a última gota de sangue dos seus filhos.
  - Em Portugal, o regime monárquico debate-se em profunda crise.
- Abril de 1898:
  - Explosão na baía de Havana do cruzador norte-americano "Maine".
  - Os Estados Unidos da América declaram guerra à Espanha.
  - A esquadra espanhola, sob o comando do almirante Cervera, é destruída em Santiago de Cuba.

49  
62

Foi no tempo da guerra de Cuba que eu quiz assassinar um inglês por patriotismo. A enxurrada patrioteira que levava tantos emigrados à guerra levava também o meu pobre siso de garoto. O sangue marinho dos meus antepassados determinara uma fervorosa admiração pelo nosso poderio naval. E, nas paredes da tenda do meu pai, em plena pampa argentina, foram aparecendo, à maneira de cartazes, os barcos da esquadra espanhola, pintados pela minha mão, debaixo dos quais, ditado pelo fogo patriótico, eu escrevia: "Ai do que se ponha à nossa frente!".

O inglês D. Guilherme, que sempre que baixava das suas terras de Rio Negro pernoitava na nossa casa, escangalhava-se a rir com os meus desenhos. E eu argumentava:

- Pois ponham-se à frente do nosso submarino e verão...

O desastre de Santiago de Cuba acabou com as minhas ilusões e, por esses dias, passou o inglês. Não se riu, mas feriu-me com estas palavras sarcásticas:

- Agora tendes a maior esquadra submarina do mundo!

No mesmo instante decidi assassiná-lo. O plano criminoso era diabólico. Alta noite, às duas da madrugada, entraria no quarto do inimigo devagarinho, e zás! enterrava-lhe o cutelo na garganta. Já via o sangue do inglês sair em borbotões; via como esperneava antes de morrer, e nem o mais leve remorso sentia.

Naquela noite, deitei-me com os olhos bem abertos apertando o cutelo de matar os carneiros. Mas o relógio tardou tanto em dar as duas que fui vencido pelo sono.

Quando acordei, o sol batia no lombo da pampa. O inglês salvara-se por milagre.

- 62
- Dezembro de 1898.
  - Paz de Paris.
  - A Espanha perde Cuba, Porto Rico e Filipinas.
  - Crise social, económica e política em Espanha.
  - Alteração da política espanhola, que, de expansionista, se vê obrigada a um refúgio interno.
  - O panfleto "Acuso" de Émile Zola faz entrar o caso Dreyfus num clima de violência.
  - A imprensa liberal portuguesa envia a Zola um telegrama de saudações.
  - Protesto do jornal católico "A Nação":
  - Zola é impróprio para famílias de senhoras ou mulheres honestas.
  - Um livro seu numa saleta transformá-la-ia num prestíbullo.
  - "La Terre" é uma injúria à Religião, à Família e à Pátria.
  - Organiza-se na Rússia o Partido Social-Democrata.
  - Funda-se em Paris a Liga para a Defesa dos Direitos do Homem.
  - Dezembro.
  - Paz de Paris.
  - A Espanha perde Cuba, Porto Rico e Filipinas.
  - Crise social, económica e política em Espanha.
  - Alteração da política espanhola que, de expansionista, se vê obrigada a um refúgio interno.
  - Descoberta do rádio por Marie e Pierre Curie
  - Motor Diesel de explosão.
  - Stanislavski funda o Teatro de Arte de Moscovo.
  - Estreiam:
  - Benavente: "A comida das feras".
  - D'Annunzio: "A cidade morta".
  - Tchekhov: "A gaivota".
  - Belas Artes: inaugura-se em Madrid o Museu de Arte Moderna.
  - Auguste Rodin esculpe Balzac, que a sociedade Gens de Lettres repudia.
  - Cézanne pinta "As banhistas".

Foi Cézanne o promotor do movimento de reacção contra o realismo visual das escolas que o precederam, e o Cubismo deve a Cézanne os seus primeiros momentos de vida. Os cubistas desenvolveram e aperfeiçoaram o espirito construtivo de Cézanne afastando-se do casual e do anedótico, descuidando o particular para tender para o constante, para o absoluto.

- 04
- Literatura:
  - Teófilo Braga publica:
  - "Gil Vicente e as origens do teatro português".
  - "A escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do teatro nacional".
  - ~~Blasco~~ Blasco Ibañez: "A barraca"
  - Ángel Ganivet: "Os trabalhos do infatigável criador Pío Cid".
  - Oscar Wilde: "Balada do cárcere de Reading".
  - "Poesias" de Mallarmé.
  - Filmes:
  - Méliès: "A explosão do cruzador Maine em Havana".
  - Stuart Blackman: "O arrear da bandeira espanhola".
  - Morre
  - Stéphane Mallarmé.
  - Nascem:
  - Dámaso Alonso
  - Ferreira de Castro
  - Federico García Lorca
  - Vicente Aleixandre
  - Xavier Zubiri
  - Alexander Calder
  - Michel de Ghelderode
  - Erich Maria Remarque
  - George Gershwin
  - e
  - Bertolt Brecht.

| 1898

PIEIDADE MASCARENHAS : Ai ! Credo ! Não há meio de acabar com as listas !

IMACULADA SÁ : Uns nascem, outros morrem. E isto é que é a novidade ?

PIED. : Tonterias. A vida e a morte, já se sabe, estão nas mãos de Deus.

MOSQUETEIRA MATOS : Mas madames, trata-se de nascimentos e de mortes de pes  
soas célebres.

IMAC. : Célebres ? Não conheço nenhuma.

PIED. : Nem eu; embora tenha ouvido falar num tal Eça.

IMAC. : Claro, essa também eu conheço.

PIED. : Ai, que baralhada ! Que confusão ! Tanta notícia e não dizem por exemplo se há algum produto para o buço da minha Joanhina(Lurdinhas).

IMAC. : Mas minha amiga ! Com o precioso depilatório Victória, de fama universal, desaparecem logo os pelos da cara, dos braços e ...etc... e mata a raiz sem irritar a pele.

PIED. : Ora aí está uma notícia ! Vou dizer à Joanhina(Lurdinhas) e também à tonta da criada que tem cá um destes bigodes que nem um sargento de milícias. Claro, com tanta choradeira, não admira que cresça. Filha ! É uma autêntica Madalena.

IMAC. : Porquê ?

PIED. : Porque vão levar-lhe o conversado para Cuba, como soldado. Não me canso de lhe dizer : "lá a vida é um regalo, vai fazer-se homem, até há-de comer carne e vai fumar quase de graça."

IMAC. : E ainda por cima vai ver mundo ! Que para os homens é necessário.

PIED. : Mas ela não me ouve. Chora que chora. E depois perde a cabeça, fica fora da lei de Deus e estraga-me o refogado. Um calvário, estimada amiga, um calvário ! E eu que para ela era uma segunda mãe ! Por bem fazer mal haver.

MOSQ. : Mas minhas senhoras, olhem que o que se passa em Cuba é alguma coisa!..

Uma vez, um soldado,  
Desesperado, /s  
Escreveu de Cuba à sua mãe:  
"Ai, mãe se me estimas,  
Tira-me de Cuba,  
Leva-me para casa.

Se tu não o fizeres  
De tanto que sofro  
Sou capaz de morrer  
Ou de casar com uma preta  
E por isso, e por isso  
Enriquecer".

E a mãe chorando,  
E a mãe chorando  
Lhe respondeu:  
"Filho meu, se te casares  
Só três dias durarás.

Quando vires, ai quando vires  
Aquelas caras que anunciam tempestade  
Que de branco, ai que de branco  
Só tem olhos, só tem dentes; /t  
E para comer, e pra comer  
Só tem um garfo com cinco dedos  
Com que matam os piolhos".

Quando faltam notícias, inventam-se notícias.

"Forneca-me você os esboços, que a guerra me encarrego eu de fornecer"- teria ele telegrafado para Havana e Remington. O conflito de Cuba foi uma mina para os jornais, no momento em que Marck Hanna tinha serenado a agitação política nacional, instalando McKinley na Casa Branca.

Hearst conseguiu que um dos seus jovens talentos engendrasses a fuga de Evangelina Cisneros, uma bela revolucionária cubana metida por Weyler no fundo de uma masmorra, e preparou-lhe uma magnífica recepção em Madison Square.

Recordem o "Maine".

Quando McKinley foi forçado a declarar guerra à Espanha, W.R. tinha já tudo preparado para comprar e afundar um navio britânico no canal do Suez.

Mas a esquadra espanhola não seguiu essa rota.

Fretou o "Sylvia" e o "Buccanear" e partiu ele próprio para Cuba com uma tipografia portátil e uma tripulação de aventureiros.

E brandindo um revólver de seis tiros, meteu-se numa lancha que atravessou a ressaca e capturou na praia 26 marinheiros espanhóis desarmados e quase afogados e obrigou-os a ajoelhar e a beijar a bandeira americana para tirar uma fotografia.

O feito de Manilla Bay aumentou a tiragem do "Morning Journal" para um milhão e seiscentos mil exemplares.

Vimos das batalhas- voltamos da guerra  
 E não trazemos armas, pendões ou clarins;  
 Vencidos no mar e vencidos em terra  
 Somos só miséria  
 Na nossa esteira ficam montanhas e delfins.  
 Irmãos que na praia chorando esperais  
 CHORAI, CHORAI!

Pelo mar avança a macilenta hoste  
 Que treme com o tremor da nave que a leva.  
 Adeus, América, óh terra furiosa  
 Somos débeis para ti.  
 Irmãos que na praia chorando esperais,  
 CHORAI, CHORAI!

Vimos todos de cara ao vento da costa,  
 Ainda que nos mate, tão frio e tão forte,  
 Ainda que fiquemos sem outra resposta  
 Do que um grito de mãe quando entramos no porto.  
 Irmãos que na praia chorando esperais,  
 CHORAI, CHORAI!

Dos que faltam guardamos a memória  
 Do que sofreram,  
 Do que não sofrido  
 Da triste luta sem fé e sem glória  
 Dum povo perdido.  
 Irmãos que na praia chorando esperais  
 CHORAI, CHORAI!.....

Joan Meragall

Els tres cents de la guerra.  
 "Cant del retorn"

- 1900
- Teoria dos quanta de Max Planck
- Morte de Nietzsche e de Eça de Queiroz
- Émile Zola diz a Xavier de Carvalho:
- Os senhores acabam de perder um grande romancista, o vosso Eça de Queiroz. Possuo todas as suas obras. Considero-o mesmo superior a Flaubert que, no entanto, foi o meu mestre.
- Volto finalmente à Galiza.

80

Os motivos fundamentais da sua arte como desenhador e depois como literato são as chagas, os erros e os absurdos da Galiza: os vícios do ensino e da cultura, a penúria económica, a corrupção caciquil e o drama da emigração.

Tudo isto se insere numa paisagem de encantamento, que parece insinuar aos homens a doçura de viver... É este contraste violento entre a suavidade da paisagem, amorosa, quase feminina, e os dramas que se vivem dentro dela, que dá, em última análise, o sentido profundo, humano e telúrico da obra de Castelao.

89  
71

---1.901

---Tiro de canhão

---Sinos que tocam nas igrejas e conventos

---Foguetes

---À meia-noite

---Silêncio, silêncio...

---Param durante oito minutos, todos os relógios públicos das cidades para se ajustarem ao meridiano de Greenwich.

---Esperem, esperem.

---Aleluia. Aleluia. Estamos quase a chegar ao meridiano de Greenwich.

---Tráz-nos-á algumas vantagens?

---Homem? Deixe-se de incultura-estamos no meridiano de Greenwich.

---Chegamos.

---Ah!

---E já começamos um novo século.

---Ah não, isso não, de maneira nenhuma

---O século começou já há um ano.

---Foi em 1900 que começou o século XX.

---E que me há-de você dizer, homem? Qual é o primeiro ano do século?

---O de 1901, não? Portanto é esse o primeiro ano do século XX.

---Ora, então, digam-me. Quando acaba o século XIX: Em 1899, não. Portanto 1900 já é no século XX.

---Impossível, homem, impossível.

---Vamos lá ver-em que ano nasceu Jesus? No ano 0 ou no ano 1?

---Dionísio, o Exíguo, monge de Bizancio, fez um cálculo e equivocou-se e de certeza Jesus nasceu quatro ou seis anos antes de Cristo. Algum dia se provará, os tempos dar-me-ão razão.

---Oh! Que sacrilégio. Esse devia ser Anti-Cristo

---Então em que século estavamos no ano passado?

---É evidente, em nenhum.

- 1901
  - De 17 a 19 de Janeiro reúne-se em Vigo o I Congresso Operário Internacional galaico-português.
  - É aprovado no II Congresso Operário galaico-português o regulamento da constituição da União Operária galaico-portuguesa.
- 1902
- Inicio os meus estudos de medicina na Universidade de Santiago de Compostela.

Um dos meus irmãos que está a trabalhar há já algum tempo em Madrid, convidou-me a passar uns dias lá com ele, para eu também lá ficar a trabalhar. Mas vocês já ~~me~~ sabem que eu só gosto de estar na minha terra. Sou o único dos irmãos que não se foi embora e que ficou a cuidar da pequena terra, porcos, vacas e pomares que herdei do meu pai. A minha mulher, senão fosse por ficar sózinha também queria que eu partisse para tentar a fortuna em terras mais distantes.

Por tudo isso um dia pensei, pensei e meteu-se-me na ideia de ir a Madrid ver como é que aquilo era por lá. Mas quando lá cheguei só se falava das bombas que rebentavam, e eu não podia aguentar todo o barulho da cidade.

Estive uns dias a trabalhar com o meu irmão que tem uma casa de comidas e dormidas mas eu não gostei nada daquilo. De todo o tempo que lá estive só uma noite é que foi boa. Foi a noite em que fui a um café concerto. Ah, sim! Disso eu gostei muito. Eu tinha ouvido falar muito da Bella Otero, que como vocês sabem é da minha terra e é a mulher mais linda de todo o mundo. Mas ela não estava lá. Eu perguntei por ela mas disseram-me que está quase sempre no estrangeiro com gente muito importante e até reis. Ainda que eu gostasse muito de a ver e ter falado com ela também gostei muito da rapariga que lá estava, até me passou a mão pela cara. Mas eu ~~ela~~ desconfiei de todas aquelas mulheres, porque o meu irmão já me tinha falado nelas.

Se as bombas te metem medo  
Meu amigo, podes vir  
Se a rua estiver calma  
E te quizeres divertir.

Isto aqui é gente fixe  
Que veio para se animar  
E em vez de bastonadas  
Até poderás brincar.

Eu sou uma ~~couplista~~  
coupletista  
Como outra não há  
Eu sou uma coupletista  
Que muito bem te fará.

Se algum chulo quizer briga  
E da navalha puxar  
Enquanto durar a luta  
Não te metas, deixa andar.

Aqui não terás problemas  
Pois já sobram os que tens  
Apenas estarão em perigo  
Os teus quatro vintens.....

Proclama que são devotos da beleza  
 e cantam uns olhos azuis forforecentes  
 cortam as cabeleiras à romana  
 e, de fome, têm as faces transparentes  
 são uns pipis  
 malcriados e peneirentos  
 os nossos jovens góticos x  
 são todos uns sn/bs, snobs à grande /o  
 snobs, snobs, snobs.

Citam Dante, Gabriel Rossetti  
 e quatro lugares comuns de Baudelaire  
 não querem andar como toda a gente  
 vão, como dizer, contra a corrente  
 são muito chatos  
 malcriados e tagarelas  
 os nossos jovens góticos  
 são todos uns snobs, snobs mil vezes  
 muito mais snobs do que os ingleses

E falam de Ruskin e de D'Anunzio  
 e ouvem oascatas de Debussy  
 bebem cerveja preta com orgulho  
 fumam tabaco puro; fazem barulho  
 são pegajosos  
 malcriados e complicados  
 os nossos jovens góticos  
 são todos uns snobs, snobs de morrer  
 muito mais snobs que o Oscar Wilde

Namoram jovens anémicas e esguias  
 que cheiram lírios à sombra de cherões  
 e passam as noites sonhando com as luas  
 enquanto comem doces semi-nuas,  
 São uns nervosos  
 e, em resumo, uns porcalhões  
 os nossos jovens góticos  
 são todos uns snobs, snobs à grande  
 snobs, snobs, snobs.

- 1904

76

- Em 10 de Janeiro funda-se o Partido Socialista Português.

- "Os maridos": cenas do natural por um grupo de senhoras desenganadas.  
Livro que todo o homem deve ler, mas nenhum deve deixar ler a sua mulher.  
Preço: 200 réis; pedidos à Livraria Avelar Machado, rua Poço dos Negros,  
21, Lisboa.

#

As últimas modas chegavam de Paris:

Viste aquela "echarpe" que a Miserachs tráz? É de seda "fron  
cée". Prefiro-a a "tour de cou", muito embora me agrade mais  
com "choux" de musselina de seda "façonnée" de rosas muito  
pequenas. Este ano usam-se os "canotiers" com plumas "cou-  
teau". E o "voile" debaixo do "canotier" é tão cómodo no Ve-  
rão!!! No entanto é mais "chic" o "cache peigne" de "ruban"  
ou de veludo a cobrir parte do cabelo. É uma coisa maravilho-  
sa!!! Parece um edifício. Debaixo de tudo isto o cabelo. Fi-  
ca de tal modo armado que desconcerta o "regard". No que toca  
às "mademoiselles", usar-se-ão "cloches" ingleses de palha  
muito "saillantes".

- 78
- Hist. - 9 de Julho de 1909
- Alguns mineiros espanhóis que trabalham perto de Melilla são assassinados pelos mouros.
  - 12 de Julho
  - Começam a embarcar tropas no porto de Barcelona.
  - Os embarques continuarão nos dias seguintes como neutros pertes de Espanha.
  - De Diário de Jean Maragall:
  - Dia 26 " Em Barcelona começa o barulho pacifista com paragem geral, com rompimento de todas as comunicações,
  - dia 27: com incêndio de igrejas e conventos.
  - dia 28: "Barricadas e tiros"
  - dia 29: "Tiros de canhão até que as tropas"
  - dia 30: " dominem a situação".
  - dia 31: E tudo fica como antes, excepte 30 e tal edificios queimados e algumas centenas de mortos e feridos.
  - dia 2 de AGOSTO- 1ª jornada de recomeço do trabalho. Depois da greve celebra-se na caserna das Drassanes o 1º conselho de guerra, sumário, no qual é condenado, a prisão perpétua Ramon Baldera. Seguir-se-ão as prisões.
  - dia 1 de SETEMBRO- O Sematant detinha, em Alella, Francesc Ferrer e Guàrdia, fundador da Escola Moderna a quem acusavam de encontrar-se implicado nos acontecimentos de Julho.
  - dia 9 de OUTUBRO- Celebra-se o Conselho de Guerra contra Francesc Ferrer e Guàrdia.
  - Maragall envia à "Voz da Catalunha" o artigo "Acidade de perdão" com estas palavras:
  - Amigos da "Voz da Catalunha" querem publicar-me este artigo? Sempre muito obrigado, de vosse amigo agradecido Maragall.
  - ... E só por esta obra de perdão em que começareis, Barcelona passará a ser já ~~xxxxx~~ uma cidade. Porque es de fena que não seubessem a dis-  
to não dirão - que não e podem dizer - Nestes eu naqueles os salvaram e redimiram estes eu aqueles, es brancos, es pretos eu es vermelhos; senão hã-de dizer - Barcelona pediu e obteve o perdão dos seus condenados à morte. E per mais mortes que depois venham, Barcelona já poderá ser chamada a cidade das bombas. Senão esse nome vir-lhe-á de uma outra coisa que é mais forte que todas as bombas juntas e que todas os ódios e toda a maldade humana; esse nome vir-lhe-á de amor, e Barcelona será chamada "A Cidade de Perdão", e desde este momento começará a ser ~~xxxxxx~~ uma cidade.
- Hist. - 13 de OUTUBRO- É fuzilado em Montjuic Francesc Ferrer e Guàrdia.
- 23 de OUTUBRO- Tende caído o governo Maura é substituído por Morot.
  - Correspondência entre Josep Pigeon e Jean Maragall.

Pi Joan - Barcelona - 31 de JULHO de 1909

79

- Estimado Don Joan:

- ... Aqui tivemos Batalhas sem um grito, nem uma bandeira, nem um chefe... não pode imaginar nada mais sinistro, nem mais enervante. Isso acaba com todas as esperanças. ... E agora digo: Lá mais acima de Lungarone de Pisa, no sopé de Fiesole, nos arredores de Innsbrück, há pequenas aldeias claras, grandes, com o céu azul como cá, mas sem estas dores que magoam a alma. Vocês todos caberiam lá e ainda ~~perder~~ poupar... Agora a mim o que me preocupa são os fusilamentos. Isso é o último quadro.

Maragall- Caldetes - 4 de AGOSTO de 1909

- Estimado Pi Joan:

- Ontem <sup>que</sup> à noite no 12º correio chegou de Barcelona depois da greve, recebi a sua carta, que lhe agradeço muito:..

... Você insinua que é preciso mudar de terra e esquecer a sua natureza. Mas isso, Pi Joan, não pode ser. Você sabe-o, e por mais que diga ou pense em alguns momentos de arrebatamento você sente da mesma maneira. Nós amamos muito essa terra; essa Barcelona, seja como fôr, é carne e sangue nesse; não saberíamos deixá-la de lado. Não temos outro remédio senão procurar fazê-lo à medida do nosso desejo com esperança ou sem esperança, se é sem esperança a nossa acção cobrará um valor espiritual ainda superior: o heroísmo.

- 1908

- D. Carlos I e o príncipe-herdeiro são ~~em~~ assassinados em Lisboa.

- 1909

- Primeira temporada parisiense dos bailados russos de Diaghilev que revolucionam a arte da dança.

- Acabo a licenciatura em medicina. Fundo, com alguns amigos, o semanário de Riancho "O barbeiro municipal", contra o caciquismo, que se manterá até 1914. Nesta altura, o feminismo chega à Península Ibérica. O meu amigo Santiago Rusiñol satiriza assim esta praga:

Companheiros de ambos os sexos:

Apesar de nós, mulheres, não gostarmos de falar, farei um esforço e falarei. Falarei claramente; o mais claro que me for possível. Sobretudo venho protestar. E contra o que venho eu protestar? Que direitos nos concederam os homens até hoje? Direitos bastantes tortos! Que fizeram eles desde aquele longínquo dia bíblico em que se tirou a costela a Adão? Só nos atiraram com os ossos. Que liberdades conseguimos? Nenhumas! As poucas que temos tomámo-las nós. Como conseguiram fazer-nos calar? Dizendo-nos que éramos bonitas. Mentira. Mentira, nada mais do que mentiras. Não somos bonitas. Não o somos, nem isso nos faz falta. Que o sejam eles. Que sejam eles a usar espartilho, botins, que dêem crescer tranças e então estaremos prontas para falar de igual para igual sobre as respectivas belezas.

Exigimos a igualdade. Abaixo a liga e viva a instrução!  
Guerra à cozinha e paz à mesa.

E para começar proponho um programa:

- 1-Abstenção provisória do namoro obrigatório.
- 2-Imposto para os beijos.
- 3-Contas correntes, rigorosamente controladas nas quais se registam o deve e o haver dos beijos que entram e saem da boca.

Por exemplo: Tu...ou quem quer que seja - Beijos :haver - tantos  
dever - tantos.

Liquidação escrupulosa de todos os beijos no fim do mês.

Já o sabeis, companheiras: guerra aos homens, até sermos iguais a eles.  
Guerra de morte! À estalada! À dentada! Às arranhadelas!

Tomar as posições do inimigo. Expulsar os homens dos postos de comando. Se nos tocarem - Bofetada! Se nos quiserem fazer mães - façamo-

-los pais! Não me toque. Sou livre. Socorro, senhoras, socorro! Viva o Feminismo!

82

O tipo do cacique que na Galiza é um produto enraizado da cultura in-  
e da carencia económica foi largamente tratada por Castellao nos seus livros  
e nos seus desenhos...

"Cacique suga o labrego até ao osso porque o tem inteiramente na mão.  
A síntese desta monstruosidade está naquele desenho de Castellao que representa  
um camponês encolhido e <sup>u</sup>ssnicaz perante o cacique que lhe dispara palavras que  
eras pobre e tinhas uma vaca, eh!"

"O cacique da vila chamava-se Don André, e não era político por ideias mas por encher de dinheiro as gavetas. Por fóra assemelhava-se aos cambistas da velha pintura flamenga, e por dentro também. A sua casa era uma tenda de dinheiro e quando se aproximava uma vítima um quê de delícia colhia-lhe os beiços, como se lhe coçassem os untos ~~xxx~~ do lombo; mas pela sua cara já mais passou o riso límpido dos homens de bem. Era muito ruim e tinha tanta gente apanhada nos seus papéis que além de nojo metia medo. Dom André não tinha mais vícios do que o de pagar na lotaria e mandava sempre um realzinho de participação ao Asilo dos Pobres. Os pobres têm muito valimento no ócu e, quem sabe!, tocando aos pobres podia tocar-lhe a ele; uma vez tocou-lhe, e a sua riqueza medrou muito. Mas quanto mais rico, mais ruim",

- 1910

84

- 5 de Outubro

- Implantação da República em Portugal:

~~X~~ Cidadãos! O Povo, o Exército e a Armada acabam de proclamar a República. A dinastia de Bragança, maléfica e perturbadora consciente da paz social acaba de ser para sempre proscrita do nosso País.~~X~~

- Stravinsky compõe o "Pássaro de Fogo"

- Nascimento da revista "Águia", órgão do saudosismo português.

~~--- A Saudade - eis o sentimento que abrange Portugal e Galiza numa só eternidade.~~ Para Teixeira de Pascoais, a Saudade é um estigma da raça. Duas concepções transcendentais se traduzem em mistérios diversos: Paganismo e Cristianismo, cuja união e síntese se expressa nos seus versos saudosistas:

(C. H. 2)

NARRADOR -

E já chovia em bâtegas pesadas;  
E o vento forte em turbilhões de som  
Galgava outeiros, montes e quebradas,  
Possesso do Clamor e do Murmúrio...

E Marânus mais triste e pensativo  
(Porque o pensar é triste mesmo quando  
É alegre o pensamento) ouviu lá fora  
Uma voz que era humana, praguejando...  
Vaga palavra humana, sem sentido,  
Na asa dos borborinhos arrastada...  
Verbo que andava trágico e perdido  
No labirinto esfíngico da Noite...  
E a saudade, pegando na candeia,  
Ansiosa e medrosa, abriu a porta;  
E logo deu de cara com o triste  
E pálido perfil da noite morta!  
E em voz alta, exclamou:

SAUDADE -

Quem anda aí, perdido pela Serra?

D. QUIXOTE -

Surpreendeu-me a noite na Montanha,  
E nela me perdi! Julguei morrer  
Comido pelos lobos ou de frio!...

SAUDADE -

Por Deus, vinde aquecer  
Esse corpo gelado e gotejante;  
No lar há fogo aceso; sem demora,  
Sentai-vos a um cantinho, ao pé do lume...  
Que vento de gelar vem lá de fora!  
Quem és? Donde vens?

D. QUIXOTE -

Eu sou aquele que anda ausente  
De sua Pátria amada, e fugitivo;  
Nela fui Cavaleiro, e na minh'alma  
Havia o amor feroz e primitivo  
De lança em riste e escudo sobre o peito!  
Plantel, na minha terra, a Flor divina  
Das edênicas selvas sempre virgens...  
Mas a um vento de morte e de ruína,  
Sobre a haste pendeu a fronte morta!  
E com o seu alento derradeiro,  
Fugi por esse mundo; e sou agora  
Um vencido Fantasma Cavaleiro...  
Cinza dum senho morto, em forma humana...  
Perdida a minha lança e o meu escudo,  
Não por fraqueza vil, mas por traição  
De encantados gigantes, vejo em tudo  
Minha humildade escura de vencido!  
Vejo em tudo a Tristeza, porque, enfim,  
Seu amor me pertence, de tal sorte,  
Que eu sou mais da Tristeza e da Aventura,  
Bem mais! bem mais! do que da própria Morte!  
Esta Triste Figura, quem má deu?  
Foi um ventre materno? Foi esta alma

87

Que subindo-me ao rosto, o escureceu,  
Nele espalhando a noite sempiterna!...  
Ah! meus olhos perderam a visão  
Da Alegria quimérica! e meus pés  
Que foram altas asas na amplidão,  
Ei-los crucificados sobre a terra!...

MARANUS -

Por esse nobre aspecto leal de Cavaleiro,  
No qual transluz ainda o velho Sol,  
Em guerra acesa contra o nevoeiro,  
E pelo que disseste, conheci  
Teu nome glorioso em todo o mundo!  
E em verdade eu afirmo: ainda não vi  
Um Ser mais alto e nobre do que tu!  
És a Figura humana heróica e doce,  
Das páginas dum livro alevantada,  
Mais viva, mais perfeita que se fosse  
Concebida num ventre de Mulher!

SAUDADE -

É com tristeza  
Que vos vejo sofrer, embora eu saiba  
Que não sois da sagrada redondeza  
De terras, onde vi a luz do Sol.  
Pareceis estrangeiro... pela fala...  
Mas eu que só conheço a minha terra,  
Onde meu Ser quimérico se exala  
Das almas e das árvores, de tudo!...  
Pois ninguém como eu tenho, ainda teve  
O amor dos pinheirais, dos sítios ermos,  
E dos serros tão altos, onde a neve  
É um mármore sorrindo à luz do Sol!

Meu coração, ~~mirra~~ em êxtase, estremece  
Ante a misteriosa simpatia  
Dessa vossa Figura que parece  
Esculpida num mármore de sombra.

Dir-se-á que sinto a doce intimidade  
Que tudo liga e casa: a pedra e a lágrima,  
O Mar e o Sonho; o Beijo e a Piedade...  
Eu sou a Noiva mística das Almas...

Haverá do teu sangue em minhas veias?  
E as lágrimas saudosas que procuram  
Em meu olhar o dia que as fecunda,  
Por acaso, cintilam e murmuram  
Nessa Figura triste, embora calma,  
Que eu avisto tão pálida e remota,  
Como a longínqua ima gem da minha alma?...  
Mas não... a simpatia que vos tenho  
Nasce apenas do vosso sofrimento...  
Sois Estrangeiro e Cavaleiro... andais  
Errante pelo mundo...

MARANUS -

O teu mal é o amor que te persegue!  
Pobre de ti, que foste amor sómente;  
E por isso, a tua alma te despreza!  
Comparo a tua vida a um nevoeiro

88

Que sem tocar em nada, tudo abrange...  
De tanto se expandir no mundo inteiro  
Desprezou-se a si própria: eis o teu erro!  
Sê homem e animal, o que é também  
Uma grande alegria; com ternura  
Adora a Divindade que se beija,  
Presente e viva, em corpo e formosura!  
Mas quem entende o homem? No Calvário,  
Já depois de alcançar o amor eterno,  
Jesus Cristo matou-se... E o Milionário  
Sobre uma serra de oiro que lhe ergueu,  
Um revólver desfecha contra o peito!...  
O Milionário é oiro simplesmente;  
Jesus Cristo, em espírito perfeito,  
Era apenas amor, e nada mais!...  
E sabes que um deserto, seja de oiro,  
Seja de amor, é a mesma solidão...  
Vem para a terra-mater e fecunda,  
Criadora das árvores e do pão!  
Vem para a luz do Sol, para a alegria  
Da verdadeira vida que resulta  
Do perfeito equilíbrio e da harmonia  
Entre a Alma mortal e o Corpo eterno...

D. QUIXOTE -

Com estranheza ouvi o que dissestes...  
Meu coração, no mundo incompreendido,  
Foi um incêndio trágico de amor!  
Eu fui semente Espírito, e jamais  
Dei pela vida mísera do corpo...  
Pedras e núvens, plantas e animais  
São fumada leve dum incêndio  
Espiritual, eterno, universal,  
Que a cinza fria e morta reduziu  
Mau Ser tão vivo, outrora, e virginal  
Que florescia a terra que trilhava...  
Hoje sou terra morta, sem florir;  
Um ser desencantado que perdeu  
O divino segredo de vestir  
As coisas com a sua comoção...

MARANUS -

O espírito criado que abandona  
O corpo criador, é igual ao corvo  
Que Noé soltou no ar, quando o Dilúvio  
Tumultuoso baixava, imenso e torve...  
E ao vermos nesse espírito perdido  
No quimérico céu a que aspiramos,  
Sentimos com tristeza e dor amarga,  
O trágico abandono em que ficamos!  
E o nosso corpo exclama, como Cristo:  
- Pai! meu Pai! por que me abandonaste?!  
Eu sei da tua dor, ó Cavaleiro!  
A dor da Perfeição que tu sonhaste!  
Eu vejo a tua dor, a tua sombra!  
Fantasma que, na vida, te acompanha;  
Espectro que é teu sangue e tua carne!  
Como ele é grande e belo na Montanha,  
Nas alturas de fraga e de silêncio!  
Quem sofre em ti é o corpo derrotado!

88

O Mal vencido e morto aos pés do Bem!  
Pois o esplendor do Bem santificado,  
Nasce do Mal que morre, amando a vida...  
É toda a morte é dolorosa e triste.  
Quando algum ser se extingue, ou anjo ou fada,  
Faz um soluço em tudo quanto existe!

O que há de mau em nós, perante a morte,  
Grita e chora!... E por isso, Jesus Cristo  
No Horto ao ver a sua negra sorte,  
Sua negra e final expiação,  
Sentiu acordar nele, de repente,  
O vago orangotango primitivo  
Que chorou longamente e amargamente,  
Com o terrível cálix da amargura  
Nas longas mãos de peludas e selvagens,  
Enquanto junto dele, alevantado  
Na tristeza da tarde e do olival,  
Estava o Anjo místico e enviado!

Assim teu corpo ao ver-se no abandono  
Do espírito divino que criou...  
Assim o Pai ao ver o Filho morto,  
É a terra ao ver a flôr que se murchou.

Sim: é preciso amar o próprio Mal...

Eu sei a tua História heróica e triste;  
Tuas grandes façanhas e combates...  
É esse infinito amor que tu sentiste  
Por tua própria Alma aparecida...  
Ela era a tua alma... embora tu  
Não o quisesses crer... eu compreendo...  
Por ela noutra serra andaste tu  
Exposto a um pior inverno que este inverno!  
Por ela só puseste na cabeça  
A cômica Bacia do Barbeiro,  
Irmã da Cana Verde... e arremeteste  
Contra o Mal, como nobre Cavaleiro  
Que sempre foste, sim...

D. QUIXOTE -

Já meus olhos  
Viram o que dizeis..., Se acaso vivo  
É porque a Morte (ai dela!) me tem medo!

Se ela fosse, na terra, o que eu sonhei?  
Se um ventre a houvesse dado à luz do dia?...  
Mas não... Fingida Sombra é que eu amei!

Quando a vida nos fuge, pelo menos,  
Que sintamos a morte ao nosso lado;  
Para sentir-se a morte é necessário  
Ter-se vivido, sim; isto que sou,  
Esta pedra e terreno de Calvário,  
Sustenta ainda a cruz do meu Espírito...

Mas vós, quem sois? Dizei! É bem estranha  
A vida que levais!... Eu compreendo

Que a vida só é bela na Montanha,  
Ou então sobre o Mar ou no Deserto!...

É muito raro ver em sítio ermo  
Donzela como vós, de tal piedade  
E tão subidas formas de beleza!...  
Meu olhar adivinha em vosso rosto,  
Sinais de Divindade... Porventura  
Sereis alguma Deusa que um desgosto  
Trouxe do céu ao mundo?...  
Erma donzela,  
Ao ver-vos, eu invoco o meu Passado!  
Minhas lutas heróicas, meu retiro  
Num monte, como este, alevantado  
Em núvens, fragaredos e relâmpagos!...  
Invoco essa Princesa que meu peito  
Abrasou de paixão, e aquele dia  
Em que eu saí, alegre e satisfeito,  
A correr Aventuras pelo mundo!...  
Vejo meu Sonho antigo de Beleza!  
A noite em que veleí as minhas armas  
Ao Amor consagradas e à defesa  
Da Mulher, da Criança e dos Humildes!

Ó poder de invocar! Suprema Força  
Que ergue os mortos das campas, mal lhes toca!  
E o próprio mar, em altas núvens, corre  
Para a sede da terra que o invoca...  
Ó poder de invocar! Suprema Força!  
Humana divindade!...

MARANUS -

Eu sou aquele  
Que abre os olhos, orando, à luz dos céus...  
Criatura das árvores, eu vivo  
Criando o Ser espiritual de Deus!  
Tenho no coração toda a Paisagem  
Que destes altos montes se descobre...  
Reapara em mim: Não vês a minha imagem  
Moldada em terra e névoa e sombras de árvores?...  
Já vivi na cidade em outros tempos,  
E se fugi dos homens para a Serra,  
É porque eles (ai deles!) se afastaram  
Da vida natural da sua terra!  
Nem podia entendê-los, tão distante  
Da alma imortal, da essência original  
Da sua Raça vivem!...  
E esta Virgem,  
Graça de Deus, encanto espiritual,  
É a minha doce amiga e companheira.  
Anda atrás dos meus passos e acompanha  
Meu coração em todo o seu trabalho...

Ela é virgem do Vale e da Montanha...

Mas a divina Luz que me guiou  
Para esta Soledade e branca Ermida,  
Não pode ser visível aos teus olhos,  
Porque apenas pertence à minha vida...

91

Ó grande Cavaleiro que partiste  
A lança contra Sombras batalhando!  
E fugitivo e pobre, roto e triste,  
Entre chufas, escárnios e sarcasmos,  
Foste a pé pelo mundo que não soube  
Consagrar teu Valor e Lealdade!  
O Sonho que sonhaste, eu vejo-o agora,  
Qual fantasma de morta claridade,  
Por estranha vingança a perseguir-te!  
Pois sem a luz divina da Loucura,  
que vês de ti? Apenas o esqueleto!  
E na terra que vês? Só pedra dura!...

Tu és um pobre Deus arrependido,  
Amaldiçoando a própria Criação,  
Num hirto e frio gesto ressequido  
que chama pelas águas do Dilúvio...  
E eu não sou como tu, porque descendo  
Do ventre da Mulher e da Paisagem.  
Sou Criatura humana, mas entendo  
O desespero trágico dum Deus!...

Com meu fim é velar por esta Virgem,  
Santificado corpo, onde germina  
A glória do meu Povo e o seu Futuro,  
Vida nova mais alta e mais divina,  
Até que chegue o instante prometido  
Do Novo Nascimento...

NARRADOR -

Mas em breve,  
O triste Cavaleiro, por encanto,  
Tornou-se mais remoto... e sombra leve,  
Distante é já seu corpo que, nas trevas,  
Difícilmente apenas se adivinha...

Passara o vento; mas, lá fora, a chuva  
Ainda cai, num sussurro, miúdinha...

E no grande silêncio que se fez,  
Perdeu-se o heróico e triste Cavaleiro...  
Na solidão da Noite se perdeu...  
Nos braços o levara o Nevoeiro...

- Eis reflectida na emoção do poeta de Amarante o dualismo metafísico que caracteriza a sensibilidade de Portugueses e Gallegos.
- Houve com efeito muita Saudade na literatura portuguesa, mas ela teve suas causas nas condições sociais.
- Que são essas palavras retumbantes de regeneração pelas tradições senão sons ocos que não correspondem a nenhuma ideia.
- Que é pois necessário para readquirirmos o nosso lugar na civilização? Quebrar resolutamente com o passado. A nossa fatalidade é a nossa história.
- Dizem que o Saudosismo está de acordo com o espírito contemporâneo. A afirmação característica e fundamental do espírito contemporâneo é o mobilismo, o avanço, a tendência para diante, o desejo de acção e de vida ascensional. Ora a Saudade é o ~~oposto~~ contrário de tudo isto: imobilismo, inércia, contemplação do passado, amor de cristalizar ou mumificar o que foi.
- Em 1914, Teixeira de Pascoais responde a António Sérgio:
- Imagina ainda o meu amigo que eu desejo uma república puramente rural. Eu já lhe disse que o Saudosismo não é inimigo do futuro. Pelo contrário, ele pretende firmar-se no passado e no futuro, o que resulta da sua própria essência de lembrança e desejo. ... E o meu bom amigo a rodeia-lo trágicamente de fogueiras! Tudo isto para quê? Para ver se queima o Saudosismo! Ele é invulnerável, como já disse. Invulnerável e incombustível, acrescentarei.
- A Saudade é um sentimento próprio dos finisterrienses, onde se mantém uma indeclinável fidelidade à formosura da esperança, onde se persiste na rebeldia contra o despotismo dos feitos, onde se tem o empenho de construir um mundo mais completo, mais maravilhoso, mais habitável.

---- Para Pascoais o povo português seria saudoso, ou seja pagão e cristão ao mesmo tempo. Os santos do cristianismo português seriam a Família, a Pátria e um Deus que não passa da representação do mais sublime da alma.

---- "Na decadência nacional ou no esplendor, há sempre o culto do passado. A nossa história o demonstra: onde houve idolatria do passado como no Portugal da decadência? Nas épocas de fraqueza porém, esse culto é frio, rétorico, bolorento como a própria alma do presente, e nos tempos de vigor é vivo, forte, ditirâmico como a própria alma que os fabrica. Não são as energias do passado que suscitam as do presente, mas as energias do ~~presente~~ presente que ressuscitam as do passado."

---- "Um patriotismo prospectivo - e não um patriotismo retrospectivo.

---- "As necessidades vitais do presente - e não as tradições mortas do passado.

---- "A actividade inteligente de cada dia - e não o ~~insensibilismo~~ sensibilismo vibrando no puro vácuo da acção."

1911

-Adrià Gual estreia:"Donzel que busca mulher". Eugénio D'Ors publica "A Bem Feita  
Martiner Siena estreia"Canção de Cuna".

- Pintura de Torres Garcia para o instituto de Estudos Catalães. Encomenda de  
Eugénio D'Ors.

-Exposição triunfal de Sunyer nas Galerias Laletanes.

- Maragall viu nela a pintura expressiva do país tão esperada.

Anedota-Não sabias? Cambó comprou a ~~pintura~~ a "Pastoral"de Snuyer. Dizem qua se viu  
quasi obrigado a comprá-la.

Nasceram-Rafael Mifíca, conhecido pelo pseudónimo de Gabriel Gelaya. António  
Tovar e Gian Carlo Menetti.

Morrem: Joan Maragall, Isidoro Monell, Carolina Coronado e Joaquim Costa.

- 1911

- Guerra colonial de Marrocos

- Conflito franco-alemão

- Guerra italo-turca

95

Adeus talvez para sempre  
cidade de Barcelona  
vou fazer a guerra aos mouros  
onde se perdem as ondas.  
Vou matar, mas pressinto  
que morrerei de saudade.(bis)

Rapariga, se me amares  
a vida conservarei  
mas se em troca me esqueceres  
as balas me tocarão  
como pensamento e porto:  
tu, meu único amor.(bis)

Ao acabar o trabalho  
sempre juntos passeávamos  
por caminhos, por lugares,  
sob a sombra dos plátanos  
todo o vento nos detinha  
quando o sol desaparecia.(bis)

Vou então fazer a guerra  
Os do governo mandam.  
Como não tenho um centavo  
não posso livrar-me disso.  
Os ricos ficam em casa,  
os pobres vão pr'os canhões.(bis)

Se eu regressasse um dia  
daquela terra longínqua  
de bom grado te traria  
sapatos, véus, trajo árabe,  
turbantes, camelos, estrelas,  
a lua e todas as cores.(bis)

O mediterrânico, também conhecido por novecentismo, rebela-se contra os excessos românticos do modernismo. Uma nova atitude se impõe na Península pela mão do seu precursor Eugénio d'Ors.